

CEEEP

Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular



**MÚSICA E POESIA
COMO RESISTÊNCIA**

**ARTE E VIDA
NA AMÉRICA LATINA
E NO CARIBE**

São Paulo - Brasil
Outubro de 2021

EXPEDIENTE

Com o tema *Arte e vida: resistência na América Latina e no Caribe*, o Curso de Verão online Arte e Educação Popular teve, neste ano, como objetivos: a) resgatar as músicas e poesias de resistência tanto no período de ditadura quanto contemporâneo, com o grito das periferias das grandes cidades; b) criar, a partir da reflexão sobre os temas e a partir da sensibilidade poética de cada, músicas e poesias de resistência para os tempos atuais.

Este caderno foi elaborado pelxs¹ participantes, com registro de músicas e de poesia de resistência nos anos 60 a 80 e das criações de protesto contemporâneas na América Latina e do Caribe. Traz, especialmente, as músicas e poesias criadas pelos grupos nos círculos de cultura que ocorreram durante o curso.

Organização do Curso

Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular – CESEEP

CESEEP

Coordenador Geral do CESEEP

José Oscar Beozzo

Coordenador Administrativo

Marco Aurélio de Sousa

Coordenadora Pedagógica

Lourdes de Fátima Paschoaletto Possani

Coordenadora deste curso

Nilda de Assis Cândido

Apoio técnico ao curso (CESEEP)

Juan Maria Lopez

Maria Betânia Claudino

Assessorxs do Curso 2021

Cecília Silva (Colômbia)

Dan Baron (Brasil)

José Oscar Beozzo (CESEEP - Brasil)

Maria Vilani (Brasil)

Mariana Pasqual - CDHEP (Brasil)

Nelson Rodríguez Vega (Chile)

Reynaldo García Blanco (Cuba)

Zé Vicente (Brasil)

Coordenação dos Círculos de Cultura

Anderson Augusto Pereira (Brasil)

Anisia Castro (Cuba)

Ileana Rosa B. Castillo (Cuba)

Marcia Plana (Brasil)

Maria Lucimar de Aquino (Brasil)

Neusa Mariano (Brasil)

Rosa Fiorella G. Olivares (Peru)

Verônica Díaz Toledo (Argentina)

Agradecimento especial ao Anderson Augusto Pereira, pelos desenhos e à Neusa Mariano (Neusinha), pela ajuda na organização das músicas/poesias.

¹ Como nossos dicionários ainda não contemplam a diversidade de gênero na língua escrita, buscamos uma forma de incluir todas as pessoas no diálogo com este caderno. Portanto, neste texto, quando o artigo se referir ao gênero masculino ou feminino, estes serão substituídos pela letra “x”, exceto quando se referir apenas às mulheres ou apenas aos homens e quando utilizados os artigos definidos no início ou dentro das frases e parágrafos. Com esta escolha, pedimos desculpas aos deficientes visuais que, por esta razão, poderão ter problemas ao fazer a leitura digital do texto.

INTRODUÇÃO

*Pai, afasta de mim este cálice, Pai
Afasta de mim este cálice, Pai
De vinho tinto de sangue...
(Chico Buarque e Gilberto Gil)*

Em meio à opressão vivida no chão latino-americano e caribenho desde os tempos da colonização / invasão pelos portugueses e espanhóis, sempre houve sonhos de liberdade e esperança de mudança. Quando calada a voz, em tempos “de chumbo”, o que se levantou como resistência foi a ARTE em suas diferentes expressões, deixadas como marcas no tempo, de um tempo para não ser esquecido, para não ser repetido.

Entre tantas formas de expressão artística, tivemos esculturas modeladas no barro, entalhadas na madeira, fundidas no bronze e no ferro; filmes que retrataram o nosso lado da história, canções que se tornaram hinos na boca do povo e poesias que encantaram e animaram a juventude para seguir adiante. Essas manifestações foram muitas vezes sufocadas e muito sangue ainda escorreu das veias abertas da América Latina, mas as marcas da resistência ficaram na memória de quem as viveu, e deixaram sinais para serem vistos em tempos posteriores, pelos que viessem depois.

Depois de um pequeno intervalo de tempo, a exemplo do Brasil, com curto período de experiência democrática, retornamos, em alguns países do continente latino americano, a tempos difíceis, com governos que ameaçam as liberdades e as vidas das pessoas.

Hoje o grito vem do campo e das periferias das cidades, do povo negro, dos indígenas, das mulheres, que clamam por justiça, por igualdade, por vida digna. Daí nasce a poesia e a música que denunciam as injustiças e anunciam um novo tempo para os marginalizados e vulneráveis socialmente.

O curso ARTE E VIDA: RESISTÊNCIA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE, ofereceu espaço para a retomada das marcas deixadas em forma de arte em nossa Pacha mama, com foco nas expressões musicais e poéticas. Realizar este curso no formato virtual e manter as características da metodologia da Educação Popular, foi um desafio para o CESEEP. A cada curso oferecido, com as sugestões de cada participante, procura-se encontrar a melhor forma de comunicação com pessoas e diferentes países e culturas, numa proposta de formação ecumênica e popular para a América Latina e o Caribe.

A memória é fundamental para alimentar a esperança de mudança, mesmo que seja, em alguns momentos, menor do que o sonhado, o desejado. Assim, para recuperar a memória de resistência, propusemos que os/as participantes do curso, trouxessem o repertório musical e poético de seus países para que fosse compartilhado nos momentos de reflexão nos grupos.

A resposta foi generosa e tivemos uma lista imensa de músicas e de poesias significativas para cada um dos países presentes e de outros, lembrados pelxs participantes do curso.

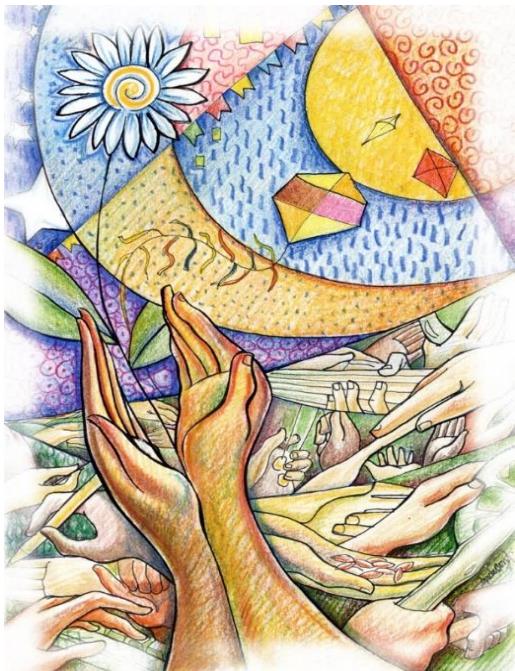
Assim, trazemos neste caderno:

- a) a criação poética coletiva de cada grupo;
- b) uma seleção de músicas e de poesias contemporâneas de cada país, entendidas como sendo e resistência e de protesto pela situação de injustiça social, de discriminação e de violência contra os povos originários, contra as pessoas negras, contra as mulheres e contra as pessoas LGBTQIA+ e;
- c) Inspirações poéticas do grupo durante o curso.

Este trabalho será publicado no site do CESEEP e, esperamos, divulgado também pelxs participantes do curso em seus locais de origem.

*Nilda de Assis Cândido e Lurdinha Paschoaletto
São Paulo, outubro de 2021*

I. NOSSO GRITO E NOSSA RESISTÊNCIA EM FORMA DE MÚSICA E DE POESIA



Tão importante quanto o resultado de cada grupo, finalizada com a apresentação da poesia e/ou música, inclusive com gravação em vídeo, foi o processo de criação em cada Círculo de Cultura.

O Círculo de Cultura, neste curso, foi um espaço privilegiado de integração entre as pessoas, de aprofundamento e debate sobre os conteúdos trabalhados, de troca de diferentes experiências em relação à arte, mas, especialmente de aprendizado de produzir algo coletivamente.

Foi igualmente relevante a forma que cada grupo encontrou para a vivência do processo coletivo de criação das poesias e das músicas. Partindo dos cochichos/sussurros internos que incomodam a cada um/a do grupo, passou-se para o momento de traduzir este sentimento em palavras, em poesia, em sonoridade musical... E depois disso, socializar a criação com as demais pessoas de outros grupos.

O retorno positivo está presente na avaliação, da qual extraímos alguns pequenos trechos de cada grupo:

- a) Metodologia do curso promoveu a criação coletiva;
- b) Estratégias metodológicas distintas das utilizadas no curso presencial, mas mesmo assim, conseguiu manter a unidade do grupo, com respeito às ideias e culturas de cada pessoa
- c) O trabalho coletivo contribuiu também para quem teve problema de conexão com internet;
- d) Aportes dos grupos foram transmitidos com fidelidade nas plenárias;
- e) Cuidou-se para que nenhum cochicho/sussurro interno ficasse escondido;
- f) Cochichos/sussurros internos como foco de construção coletiva de conhecimento e instigou o grupo a levar as indagações a outros cantos da América Latina;
- g) Encontro de pessoas diferentes, mas com muitas ideias coincidentes sobre onde queremos chegar;
- h) Com tantas diferenças, houve possibilidade de criação coletiva;
- i) Curso juntou Arte, Educação Popular e reflexão sobre a realidade;
- j) Curso animou a não se sentir só na caminhada (especialmente neste tempo de pandemia);
- l) Conexão com a Pátria Grande;
- m) Sugestões: trabalhar outras expressões artísticas em outra edição do curso e buscar saídas para vencer o desafio de ser um curso bilingue.

A ilustração da criação do Grupo 3 são de autoria de Anderson Augusto Pereira e tomamos a liberdade de utilizá-la no todo deste caderno (com o seu consentimento). Dois quadros ilustrativos foram pintados pela Marcia Plana, do mesmo grupo.

Para exemplificar o trabalho dos Círculos de Cultura, trazemos o relato do processo de criação vivido por um dos grupos.

1º Encontro do Círculo de Cultura (02/10)

Iniciamos o nosso círculo de cultura num clima de alegria e poesia. A coordenação acolheu as companheiras de grupo, declamando o poema “É por Amor”, do poeta Zé Vicente, com um refrão (grifo nosso, musicado pela companheira Neuza Mariano) destacando alguns verbos fortes, que se faz resistência em nossas lutas.

Após esse momento, damos continuidade baseando-se no roteiro orientador que nos foi enviando (pela coordenação do curso), trabalhando as seguintes questões: O que estas músicas e poesias falam para você? Em que contexto foram escritas/cantadas? Selecionar algumas músicas e poemas para reflexão.

Numa conversa espontânea, cada uma foi expressando qual música escolheu e partilhou a reflexão do contexto em que a mesma foi escrita/cantada e o porquê da escolha da mesma.

A partilha sobre as músicas e poemas foi um momento de recordar - dar de novo ao coração, rememorar as experiências de lutas vivenciadas, onde essas músicas e poemas embalaram os sonhos, nos encorajaram na luta e fortaleceram a identidade coletiva daqueles e daquelas que em tempos sombrios ousaram acreditar, gritar e ensaiar, nas mais diversas iniciativas, um outro mundo possível.

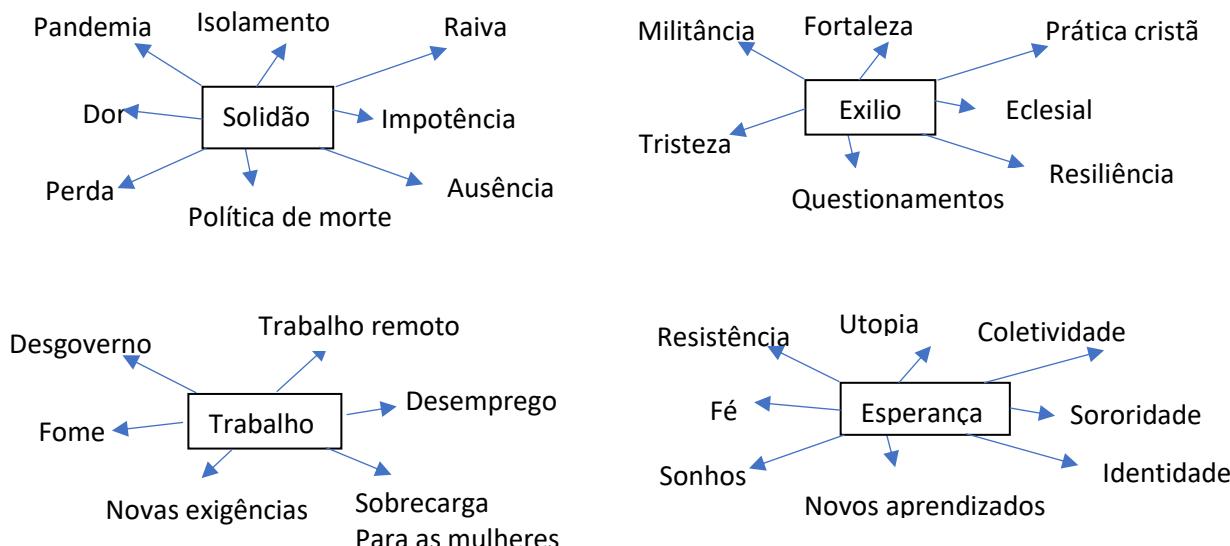
Percebemos o quanto a memória, acende em nós a chama da esperança e o desejo de libertação. Como a arte tem o poder de nos transcender para além do tempo e do espaço. E assim sentir renascer em nós a teimosa esperança de viver, de sonhar, de acreditar e lutar.

Algumas canções e poemas escolhidos pelo grupo: Drão - Gilberto Gil (1982); Cálice - Chico Buarque (1973); Coração de Estudante - Milton Nascimento (1983); Mão na mão - Márcio Faraco (2018); Ordem e Progresso - Zé Pinto (1997); Samba da Utopia - Jonathan Silva (2018); Faz escuro, mas eu canto - Thiago de Melo (1966); Rondô da Liberdade - Carlos Marighela (1939); É por Amor - Zé Vicente (1989); Tempos Difíceis - Eliezia A. Oliveira (2020).

Concluímos esse primeiro momento do nosso círculo de cultura cantando juntas a música “Ordem e progresso” de Zé Pinto, um companheiro do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST.

No segundo momento, após a partilha em plenária do trabalho acima descrito, fomos voltando para o Círculo com o objetivo de aos poucos irmos tecendo um poema ou de uma música, a partir dos nossos cochichos da realidade atual e das reflexões e experiências que as/os assessores/as nos trouxeram.

Através da dinâmica da Palavra Chave, onde cada uma expressou uma palavra chave do seu sussurro. Assim, fomos partilhando numa atitude de escuta e acolhida os sussurros que nos inquietam e nos instigam a resistir, nesses tempos difíceis em que vivemos. E as palavras foram ecoando:



A partir dessas conexões e da reflexão sobre as mesmas, foram surgindo as primeiras frases...

Encaminhamentos desse encontro: - Criação de um grupo no Whatsapp para podermos trocar ideias e dar continuidade a construção coletiva do nosso poema.

2º Encontro do Círculo de Cultura (04/10)

Durante a semana fomos trocando ideias por meio do grupo de whatsapp. Neste encontro iniciamos a produção do poema propriamente dita,

Por sermos um grupo somente de mulheres, decidimos abordar os sussurros que emergem da nossa realidade, que é o sussurro de tantas outras nessa nossa pátria grande, chamada de Latino América.

O processo se deu da seguinte forma: a partir dos sussurros que foram socializados no grupo, cada uma foi criando frases, expressando os sentimentos, e assim fomos complementando, acrescentando, questionando os sentidos, retirando...tecendo. Sim tecendo com amor, criatividade e corresponsabilidade, o nosso poema.

Decidimos que também criariamos uma música que fosse interligada ao poema.

Conversamos sobre como poderíamos apresentar o nosso trabalho, na plenária do encerramento do curso. Chegamos à conclusão que apresentaríamos em forma de vídeo, onde todas pudessem participar, cada uma com sua criatividade, como apresentar, cenário, visual, etc.

3º Encontro do Círculo de Cultura (06/10)

Neste encontro realizamos os ajustes finais do poema e apreciamos, aprovamos a música que fora sendo criada, no intervalo entre um encontro e outro, por nossa companheira Neusa Mariano, que musicou com maestria e sensibilidade.

Damos também os últimos ajustes para a apresentação, dividindo o poema em partes para que todas gravassem seus vídeos. Combinamos a simbologia a ser usada e concluímos nosso encontro, felizes pelo trabalho coletivo que conseguimos realizar.

O círculo continuou por meio do grupo de whatsapp, pois foi intenso o trabalho de gravação e edição do vídeo, onde se contou com ajuda mútua e cumplicidade.

Hoje estamos concluindo essa experiência maravilhosa do Círculo de cultura, que para nós foi uma linda vivência de partilha, escuta, acolhida, amorosidade, aprendizado, criatividade, abertura e construção coletiva.

Gratidão é o sentimento que perpassa por todas nós (G4).

CRIAÇÃO DO GRUPO 4

POESIA

Acordei mulher!

Hoje acordei decidida a romper o silêncio de séculos a que,
nós mulheres, fomos condenadas...enfim acordei
Hoje acordei para dizer que ninguém decide sobre o nosso corpo,
o corpo é a manifestação do nosso caráter, carinho, afeto, reconciliação ...

Eu hoje acordei! Acordei para a vida, para a luta! Acordei para resistir e viver. Viver acordada, marchando em alerta, desperta!

Hoje Acordei disposta a sair do exílio que me foi imposto e a ocupar os espaços que me fora negado.

Hoje acordei sentindo minhas pétalas se abrirem e, nessa nossa irmandade, seremos mais sororidade, para juntas resistir à morte dos sonhos...

Hoje acordei com vontade de comer o fruto proibido: da mesa, da beleza e do prazer. Sem culpa e sem pecado, sem vergonha de viver e ser feliz

Hoje acordei decidida a dar as mãos, unir os pés, ver o sonho do pão de cada dia tornar-se realidade e combater todas as formas de opressão.

Hoje acordei decidida a resolver minha esperança para que ela não me fuja mais... vou esperançar!

Quem mais aí, acordou? Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete...

Somos milhares. Somos mulheres. Somos milhões!

Acordamos!...e não beberemos mais o licor azul e rosa do machismo.

Descobri remexendo no baú da história, que o silêncio é como vidro, frágil, se estilhaça ao som do grito...

Grito porque o silêncio me sufoca...

Grito porque a dor me rasga o peito...

Grito porque o corpo fala por si mesmo...

Grito porque o que me sufoca é a injustiça que destrata o ser...

Grito porque acredito que é possível brotar vida neste árido chão...

Gritamos porque a liberdade nos chama e o amor é a força que nos impulsiona...

Alguém dirá que nosso grito é histeria...

Talvez seja...afinal será que ainda existe gente sã nessa sociedade de neuroses múltiplas?

Quem não quiser nos ouvir, que ponha o seu fone de ouvidos

e se entorpeça com o hino nacional ou com fakes do ódio presente.

Preste atenção, vamos lhe contar um segredo:

a velha arma do silenciamento nunca funcionou de verdade...

As Dorotis, as Marielles, as Margaridas, e tantas mais que vocês calaram, sussurram resistência em nossos ouvidos e fazem eco no esperançar de um tempo novo.

MÚSICA

Acordei Mulher!

Refrão

Somos Dorotis, Marielles e Margaridas mulheres que não tem medo de lutar pela vida, mesmo no meio desta opressão seguimos pra salvar essa nação.

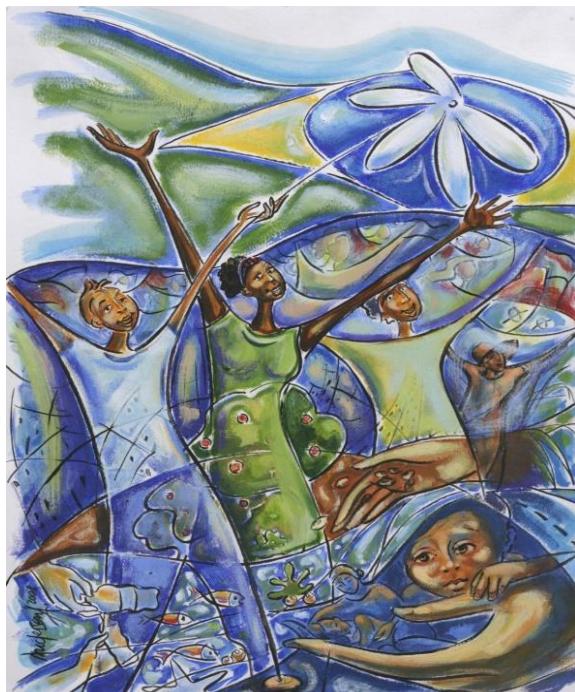
Acordamos um dia enfim,
Dispostas a tudo mudar,
O amor não tem preconceitos,
E faz a vida brotar!

O cravo com sua resistência,

Margarida despertando a consciência,
A rosa enaltece a beleza
Das mulheres que lutam com firmeza!

A Hortênia transmite a beleza
Violeta a singeleza,
Na escuridão curva o Girassol
Que se levanta quando nasce o sol!

*Graça, Sirlene, Marli, Wilza, Neuza Mafra,
Neusa Mariano e Lucimar*
Link para acesso à apresentação no encerramento do curso:
<https://www.youtube.com/watch?v=npsMSPrOcXU&t=53s>



Anderson Augusto Pereira

Arte Vida: Resistência na América Latina e no Caribe

Pintura:

Introdução

A arte e a vida fazem parte das nossas vivências. Seja através da poesia, da música, artes plásticas, do teatro, do artesanato, da culinária, todos esses segmentos estão contidos nos cochichos: as nossas lágrimas, os nossos silêncios contidos na alma.

Nos encontros com os oprimidos compartilhamos os nossos sonhos e as nossas esperanças. É um convite para um canto novo. E quem sabe uma sinfonia da esperança de uma nova América Latina.

ATO I

Difícil dar nome
ao que vivo e sinto
palavras quebradas
completam-se no mosaico
em tela e vida que pinto...

Enquadrar-me não quero
nas rimas deste oceano imenso
palavras apenas transbordam
porque sinto antes que penso

Comunicação é direito
Emancipação do sujeito
Que se percebe no seu contexto
Do prazeroso, do bem e do mal

Nossa luta é contra MERCADORia
Que achata o diverso da cultura
Na sutileza da destruição global

Mercado é deus supremo
Massacra a vida e quem a cria

Transforma água, gente, terra e cultura
Em moeda de troca, pura mercadoria.

Feminismo é luta de quem sente na pele
Não apenas pensamento de academia...
O capital fundamenta-se no machismo
Que dilacera nossos corpos
E nossas mentes todos os dias.

O sussurro vira grito
De tanto que é contido
Pelas amarras do medo
Criado para o controle e estagnação total.
Juntemos pés, mãos, todo corpo e mente
Rompamos juntos com a lógica perversa
Da anti- cultura do Capital.

A devastação está acelerada
dói no peito ver tudo isto
uma mentalidade que anestesia.
Minha resposta são lutas populares
revestida de muita arte, pão e poesia...

ATO II

O sol insiste a nascer
cochichos e gritos
misturam-se em fios de nós
nas linhas das mãos e dos rostos
Daqueles que tecem muito
Mas ganham pouco,
Não sobra um trocado
Nem pro lazer.
Os sussurros não são à toa
É telefone sem fio
É como um jogral
É contra a censura
É eficaz em tempos de ditaduras.
Ataduras nas mãos e nos pés
O segredo arrancado a choques
Do homem ou da mulher
Num espaço sem luz
Na cabeça o capuz
Ouvindo a risada de algum coroné.

Trama de cordas
palavras rasgam-se à rua
não escondem o estômago vazio
apedrejam as bombas
fios em cordão
nutrem a carne viva
possível SER
rompimento do medo improvável

Tecido na resistência
acolhe e aquece em manto-bandeira
a luta a alçar e a tremular
a vislumbre utopia
sinais da vitória palpável

ATO III

Privatizaram a vida,
Agora o corpo é mercadoria,
Se não há lucro, qual a serventia?
Se não produz, não vende e nem compra
Se não vale, não há quem pague

Sem pagamento não há alimento
A comida fortalece mãos e pés
Que tocam as engrenagens da vida
Alimento é veneno ou poesia?

Aquilo que não sacia a fome
Dilacera o íntimo,
Apodrece o meio,
Transforma em casca vazia.

Quando se sente oco,
O nada vira rotina
Ficamos à mercê do outro
Que nos castiga todo dia.

Privatizaram a vida
agora a mente é colonizada
Se não há pensamento,
O viver vira tormento,
Não resta mais nada.

ATO IV

Tem sussurro que não se ouve
Escancarado pra quem quiser ver
Tem sussurro que arde no peito
Transborda, machuca,
Esse procura escrever.

São crianças, jovens e mulheres
violentadas, exploradas e traficadas
A população em situação de rua
segue invisibilizada
Submetidos à miséria nua e crua,
vagueiam pelas ruas, sem ter por onde ir
têm seus gritos abafados,
suprimidos de tanto que insistem em sair.

ATO V

Nós da periferia
Sobreviventes da perversa mais-valia
Lutando contra o tempo por centavos,
por avenidas e vielas,

Na correria insana e perigosa,
onde a vida já nem conta,
nem se percebe mortal.
Pois o exército de reserva é enorme,
morre João, vem o Pedro ou Maria.

Mas nome nem tem importância,
muito menos cidadania...
O que vale mesmo são números
Que engordam os lucros do capital.

Nós do campo
enamorados da terra
Na esperança do fecundo plantio
enfrenta perseguição do sul ao norte
Pelos semeadores de violência,
produtores de venenos e morte.

É a bruta contradição
exposta por este sistema perverso
Pois quem planta a vida é criminalizado
Enquanto quem lucra e explora
É agro, é pop, é endeusado.

Mas, no fundo é máscara ideológica
Que faz passar por santo, o diabo
E por salvador, o próprio carrasco.

Não se desanimem, coragem
Alcem as bandeiras
eles não passarão!
Somos tecidos na luta, arte e educação
libertadoras,
Pelas mãos do povo organizado
Nova cidade e novo campo surgirão!
É no encontro com os oprimidos
Que se constrói os sonhos, a unidade, a
transformação

ATO VI

Tudo que tenho nessa vida é ela mesma
Dela tiro meu sustento e de quem me explora
Minha força de trabalho é a moeda de troca
Que este sistema assassino se assenhora

Se nossa carne expelle suor debaixo de sol
É porque sente calor, frio, dor, agonia
Se é possível sentir na carne o fio da navalha
É porque é vida, e vida não se negocia

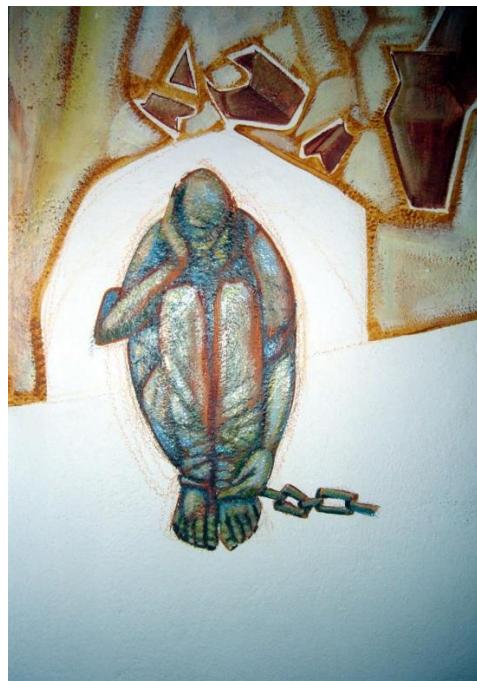
Feminismo não é só pra quem sente na pele
É luta de classes, é por vida e liberdade
Homens e mulheres unidos num fio só
Pela libertação total em uma nova sociedade
Os fios que deveriam nos entrelaçar
Estão agora estrangulando as companheiras
Se tu, companheiro, aceita esta submissão
Aceita, também, que tua vida vale menos nas
trincheiras.

ATO VII

Acalma a minha alma
As minhas aflições não são só minhas.
A fome não tem território
mas tem estômago
A terra não tem dono
Tem partilha
A luta não é de um,
pertence a todos.

A dor da bota pisada no pescoço do irmão
é também em mim
A prisão que acorrenta o jovem em qualquer
torrão
É a minha liberdade que é tolhida.

Mas a voz que grita "CHEGA" é a "NOSSA VOZ"
A nossa voz que canta LIBERDADE,
no batuque do tambor, na flauta
nas rodas de capoeira
no corpo que dança
nos desenhos dos muros
nos viadutos das cidades
todos nós queremos sussurrar:
EU EXISTO (2x)
NÓS EXISTIMOS
A AMÉRICA LATINA EXISTE!



Assim concluímos este curso,
tecendo nossas vidas a partir
de escrevivências, sussurros,
lutas e sonhos de uma
Ameríndia Caribenha Livre e
Solidária.

**Pátria Livre!
POR TERRA, ARTE E PÃO!**

Anderson Augusto Souza Pereira, Camila
Beatrix S. Scherette, Eliezer Antunes de
Oliveira, Eloina Lima Alves, Julia Mara
Saggioratto, Leuzina Lina Fontes
e Márcia Plana.

CRIAÇÃO GRUPO 02

AMÉRICA ESTÁ VIVA
NUESTRO TIEMPO
ES AHORA MISMO
SU CULTURA ES LA HOMICIDA
QUE ASESINA IMPERIALISMOS.



Hasta cuando dictaduras
Hasta cuando el invasor
Nos kitamos ataduras
Con el Arte alrededor

América saqueada
Por montaña cerro y llano
La mochila está pegada
Hacemos cultura lo soñado

Siguen los años pasando
El sufrimiento no c acaba
Y yo sigo aquí cantando
Por la libertad esperada

Adiós tirano cruel
Ya no sangran mis hermanos
India blanca o negra piel
En su derecho alzan las manos

Su voz esa es mi vos
Su dolor en mi pecho salta
Mi bandera es la hoz
Y mi canto fusil q asalta

Good Bye yugo opresor
Esta tierra ya no sangra
De latinos el clamor
Banderas con himnos cantan

Estríbillo
AMÉRICA ESTÁ VIVA
NUESTRO TIEMPO ES AHORA MISMO
SU CULTURA ES LA HOMICIDA
QUE ASESINA IMPERIALISMOS.

AMÉRICA ERES RAMA FRUCTÍFERA

I
América Rama Fructífera
Eres la raíz que sostiene
Tronco de sueños diversos.
Bajo las hojas tus hijos.

II
En las músicas de tus flores
Contemplan las naciones,
Pueblos y Nacionalidades del páramo,

III
¡La madre tierra reflejando
la hermosura del Creador!

IV
Frutos de luchas continuas
Aroma de vida te clama
Por siempre te amamos Abya Yala.
¡ Unidos somos más fuertes!.

AMÉRICA WIÑAYLLA PANKAMI KANKI

I
América sumak pukushka pankashnami kanki
Sinchi charikuy sapishnami kanki
Raku kaspimantapsh tawka muskuykunami wiñashka
Kampak panka ukupishnami wawakunaka kanchik.

II
Kampak sisa takipi
Mamallaktakunatak rikunchik
Urkumantak Kichwa runa llaktakuna .

III
!Pachamamapash Pachakamak kuyaillatak rikuchin!

IV
Mishaykunapi pukushka murukuna
Mishkilla kawsaymanta kaparin
Wiñaymanta kuyanchik Apya Yala
Tantanakushpami sinchi kanchik.

ANDA, AMERICA DESPIERTA!!

<https://drive.google.com/file/d/1n5Qev9IAfK3FsEGqkGeZzHltI4AAHWot/view>



América rama fructífera
Eres la raíz que sostiene
Ese tronco de sueños diversos,
Frutos de luchas continuas
Son tus hijos debajo de tus hojas,

Aroma de vida regalas
Cuando del alma brotan
Nuestras penas
Y del cielo cae un rayo de sol,
Entonces podemos sentir
Que hay esperanzas,
Que haya paz y un mundo.mejor.

Podemos soñar
Que no hay guerras,
Con la violencia olvidar ,
Que crece amor en este suelo,
Que sangra por respirar,
Respirar Aires de libertad,
Aires de igualdad.

Despierta querida América
Es tiempo de andar
Andar unidos como la plata
en la raíz de los Andes,
Es tiempo de resistencia y rebeldía ,
Contra el látigo que azota
Y la mano que castiga,
Camina pueblo incansante,
Y en tu voz cantos, poesía y arte.

Nos quieren quitar el aire,
Aire fresco de montañas,
estepas y de praderas,
Desdibujando nuestra matriz ,
De tan verde y tan azul
De tan rojo y de tan blanco .

Anda ,despierta,
sigue el camino
Y ese andar
Le a de quitar el llanto ,
Al indígena que llora ,
Al blanco también descalzo ,
Sea niña....o sea niño !!!
Somos todos hermanos..
Aquellos que eligieron
Andar un mismo camino
Con o sin zapatos.

Alcemos nuestros susurros,
Por todos y todas
que han quedado atrás...
Aquellos y aquellas
Que silenciaron sus voces
Dejádonos su legado
En poesía y canciones.

América es una sola si de lucha se trata,
Es grande esta tierra,
Luchemos juntos y juntas....
Por la libertad de esta patria.

Grupo 2: Esthela Vásquez, Ileana Rosa B. Castillo, Jocabed R. S. Miselis, Jorge Ezequiel S. Castillo, Julio Chicaiza, Rosa Fiorella G. Olivares, Yusney Estrada Céspedes e Zoily Elena A. Borges.

CRIAÇÃO GRUPO 01



Pintura: Verônica Díaz Toledo

QUO VADIS

<https://www.youtube.com/watch?v=g52hr1uh2aA>

De dónde venimos
hacia dónde vamos,
decimos, hacemos
pero, cómo sentimos,
qué palabras y actos dejan huella
en la historia de la humanidad.

Somos lo más evolucionado
de la creación ?
la estamos poniendo
en peligro de extinción,
la crisis nos hizo renacer,
emergencia vital de volver,
identidad, regresar a la tierra
que nos vio nacer,
reconectar, armonizar
con la vida en su infinitad.

Criaturas con voluntad,
capaces de intencionar
podríamos vivir disfrutando
de lo que la creación nos da,
felices tod@s, porque en ella para tod@s hay,
esperanzadora utopía,
desarma el miedo, la ignorancia,
la violencia, la indiferencia.

Siglo XXI, de espiritualidad
de elevar el nivel de conciencia,
sentirnos parte del todo,
en el espacio, en el tiempo,
en esta urgente necesidad de trascender,
esta realidad que se desmorona
hacia dónde vamos?
cada un@ y todos juntos direccionamos...

SUSURROS DE LIBERTAD

drive.google.com/file/d/1ycO3tSowa0RWtbwJG_HMjOQ0XPAXX-9P/view?usp=drivesdk

Dejaré que el arte de la vida
transgreda, insida, evolucione
en sujetos colectivos y encuentre
el reposo eterno en el blanco libertad

Pues el Arte sana las heridas,
nos abraza y alimenta
porque el alma necesita.
Nos salvaremos juntas del mundanal ruido
Y el susurro volverá: "*Un torrente de voces*"

VOCES

Como el colibrí
que sale a polinizar después de un huracán
O el gorrión, que vuela contra el viento
aguantando la afrenta por vivir...
"No es resistir"

No consiste en llevar la insoportable carga ajena
por dos millas.
Resistir es intentar,
Como la yerba del campo que no se cansa de
nacer una y otra vez...

RESISTIR

Es luchar por una nueva sociedad
la que queremos construir
No es utopía, hermano y hermana
Es el nuevo porvenir.
Es un canto de Esperanza
Es la lucha por la vida...

Ya lo anunció el guerrero
En defensa de la Libertad
Gritando fuerte: ¡DIGNIDAD!

Sentado en las ramas de un alto chuncho,
que en la ceja de selva amazónica,
ha nacido mirando al horizonte el verde mar
y el serpenteante de los ríos,
donde su corazón aletea
y sus alas planean en la inmensidad...

Más en su vuelo,
brotan sus lágrimas cual riachuelo,
y sus ojos se agrietan, por el espesor del humo,
de las petroleras con sus mecheros,
y las madereras con sus motosierras...
Ellos son la codicia de los gobiernos.

Los pájaros gritan, ya no cantan
los monos se asustan, ya no juegan,
los últimos felinos huyen cual bandada.
En esa mezcla de miedo y rabia,
un susurro se va escuchando,

¡Es el pueblo que se va organizando!
alzando su puño zurdo concientizado,
escribiendo, marchando, gritando...
luchando con su pecho lleno de amor
esperanzado,
cuál *águila arpía* que pone el pecho ilusionada!.

Va GRITANDO a grandes voces

“Somos la tierra y poesía
y yo cantarte quería
pero mi canto,
tan lejos de tu cantar, osadía...
y creía que por tan fresca y lozana
vivía de la poesía...
Son pasos que pisan, que pesan,
cargan piedras redondas
piedras ardientes, airadas
pulsantes, duras, tan hondas

que hasta en los pasos abrían
pieles marronas de tierra,
de fuego, no resistían
cansadas de cubanía

Ya no inerte masa en mi bandera,
Vamos pueblo a construir la tierra.
Cuba va en el poder popular que nace,
Se reconstruye y se vive en su base”

ESTOS SON NUESTROS SENTIMIENTOS

Los cambios nacen de una mente nueva
Fortaleciendo la renovación de la tierra
Donde cada uno pueda levantar bandera
Para una Patria Grande y sin fronteras.

Indicações do grupo:

1. Teatro Andante con niñas y niños.

https://youtube.com/channel/UCmbTLFdCrmGsuno_JKVORFg

2. Fotos de resistência – montagem elaborados
pelo grupo 1 (abaixo)



Grupo 1:

Anisia Castro, Cecilia Berroto, Claudia Deyanira G. Martí, Danieska Cardona Reynosa,
Gribaldo Cueva Cevallos, Idael Montero Pacheco, Verônica Díaz Toledo.

II. MEMÓRIA DE RESISTÊNCIA E GRITOS CONTEMPORÂNEOS – MÚSICAS E POESIAS

Aqui apresentamos as músicas sugeridas pelxs participantes como sendo de resistência, como memória dos anos de chumbo e, ao mesmo tempo, os gritos contemporâneos por justiça e igualdade de direitos de cada país. Apresentaremos as músicas de cada país, por ordem alfabética. As músicas podem estar alocadas em país que não o de sua origem, já que outros países as assumiram como suas.

1. ARGENTINA

1.1. SOBREVIBIENDO

Composição: Víctor Heredia

<https://www.letras.mus.br/victor-heredia/720878/>

Me preguntaron como vivía, me preguntaron
Sobreviviendo dije, sobreviviendo
Tengo un poema escrito más de mil veces
En él repito siempre que mientras alguien

Proponga muerte, sobre esta tierra
Y se fabriquen armas para la guerra
Yo pisaré estos campos sobreviviendo

Todos frente al peligro sobreviviendo
Tristes y errantes hombres, sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo

Hace tiempo no río, cómo hace tiempo
Y eso que yo reía como un jilguero
Tengo cierta memoria que me lastima
Y no puedo olvidarme lo de Hiroshima

Cuanta tragedia sobre esta tierra
Hoy que quiero reírme, apenas si puedo
Ya no tengo la risa como un jilguero

Ni la paz de los pinos del mes de enero
Ando por este mundo sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo

Ya no quiero ser solo un sobreviviente
Quiero elegir el día para mi muerte
Tengo la carne joven, roja la sangre
La dentadura buena y mi esperma urgente

Quiero la vida de mi simiente
No quiero ver un día manifestando
Por la paz en el mundo a los animales

Como me reiría ese loco día
Ellos manifestándose por la vida
Y nosotros apenas sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo
Sobreviviendo, sobreviviendo

1.2 SOLO PIDO A DIOS

Composición: León Gieco

<https://www.youtube.com/watch?v=Slrot1Flczg>

Solo le pido a Dios
Que el dolor no me sea indiferente
Que la reseca muerte no me encuentre
Vacía y sola, sin haber hecho lo suficiente

Solo le pido a Dios
Que lo injusto no me sea indiferente
Que no me abofeteen la otra mejilla
Después que una garra me arañó esta suerte

Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente

Solo le pido a Dios
Que el engaño no me sea indiferente
Si un traidor puede más que unos cuantos
Que esos cuantos no lo olviden fácilmente

Solo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado está el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente

Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente

Solo le pido a Dios
Que el futuro no me sea indiferente
Desahuciado está el que tiene que marchar
A vivir una cultura diferente

Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente

Solo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es un monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente

1.3 ALFONSINA Y EL MAR

Composición: Ariel Ramirez / Felix Cesar Luna

<https://www.youtube.com/watch?v=Rrr5YzcbPd4>

Por la blanda arena que lame el mar
Su pequeña huella no vuelve más
Un sendero solo de pena y silencio llegó
Hasta el agua profunda
Un sendero solo de penas mudas llegó

Hasta la espuma
Sabe Dios qué angustia te acompañó
Qué dolores viejos calló tu voz
Para recostarte arrullada en el canto de las caracolas marinas
La canción que canta en el fondo oscuro del mar
La caracola

Te vas Alfonsina con tu soledad
¿Qué poemas nuevos fuiste a buscar?
Una voz antigua de viento y de sal
Te requiebra el alma y la está llevando
Y te vas hacia allá como en sueños
Dormida, Alfonsina, vestida de mar

Cinco sirenitas te llevarán
Por caminos de algas y de coral
Y fosforecentes caballos marinos harán
Una ronda a tu lado
Y los habitantes del agua van a jugar
Pronto a tu lado

Bájame la lámpara un poco más
Déjame que duerma nodriza, en paz
Y si llama él no le digas que estoy
Dile que Alfonsina no vuelve
Y si llama él no le digas nunca que estoy
Di que me he ido

Te vas Alfonsina con tu soledad
¿Qué poemas nuevos fuiste a buscar?
Una voz antigua de viento y de sal
Te requiebra el alma y la está llevando
Y te vas hacia allá como en sueños
Dormida, Alfonsina, vestida de mar.

1.4 EL DERECHO DE HIRIR EN PAZ

Composición: Victor Jara

<https://www.youtube.com/watch?v=XkXise2bHE0>

El derecho de vivir
Poeta Ho Chi Mi
Que golpea de Vietnam
A toda la humanidad
Ningún cañón borrará
El surco de tu arrozal
El derecho de vivir en paz

*Indochina es el lugar
Más allá del ancho mar
Donde revientan la flor
Con genocidio y napalm
La luna es una explosión
Que funde todo el clamor
El derecho de vivir en paz*

Tío Ho, nuestra canción
Es fuego de puro amor
Es palomo palomar
Olivio del olivar
Es el canto universal
Cadena que hará triunfar
El derecho de vivir en paz

Es el canto universal
Cadena que hará triunfar
El derecho de vivir en paz
El derecho de vivir en paz

1.5 VER A UN AMIGO LLORAR

Enrique Momigliano

<https://www.youtube.com/watch?v=oRYGf3MLvIk>

Ver a un amigo llorar,
es sentir al alma desfallecer,
porque uno no puede hablar,
porque uno no quiere saber.

Ver a un amigo llorar,
es creer de Dios el lado peor,
porque uno no deja de temblar,
porque uno no carga tal dolor.

Ver a un amigo llorar,
es pensar inútil todo amor,
porque es incapaz de consolar,
porque es imposible perdonar.

Y sin embargo, con el tiempo,
uno entenderá.

Que ver a un amigo llorar,
es la mejor prueba de amistad,
porque nos eligió para aflojar,
porque vio en nos seguridad.
Que ver a un amigo llorar,
es ver la desnuda humanidad,
porque a todos ha de tocar,
un día mostrar debilidad.

Que ver a un amigo llorar,
es cuando más cerca lo tendrá,
y si a su lado sabe estar,
toda la vida lo amará.

*A los que vi llorar
A los que me vieron llorar*

LATINOAMÉRICA

Composición: Calle 13

<https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>

Soy, soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
Frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano
El sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
Una canasta con frijoles
Soy Maradona contra Inglaterra anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria,
no quiere a su madre
Soy América Latina
Un pueblo sin piernas, pero que camina, ¡joye!
Tú no puedes comprar al viento
Tú no puedes comprar al sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tú no puedes comprar los colores
Tú no puedes comprar mi alegría
Tú no puedes comprar mis dolores
Tú no puedes comprar al viento
Tú no puedes comprar al sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tú no puedes comprar los colores
Tú no puedes comprar mi alegría
Tú no puedes comprar mis dolores
Tengo los lagos, tengo los ríos
Tengo mis dientes pa' cuando me sonrío
La nieve que maquilla mis montañas
Tengo el sol que me seca y la lluvia que me baña
Un desierto embriagado con peyote

Un trago de pulque para cantar con los coyotes
Todo lo que necesito
Tengo a mis pulmones respirando azul clarito
La altura que sofoca
Soy las muelas de mi boca mascando coca
El otoño con sus hojas desmalladas
Los versos escritos bajo la noche estrellada
Una viña repleta de uvas
Un cañaveral bajo el sol en Cuba
Soy el mar Caribe que vigila las casitas
Haciendo rituales de agua bendita
El viento que peina mi cabello
Soy todos los santos que cuelgan de mi cuello
El jugo de mi lucha no es artificial
Porque el abono de mi tierra es natural
Tú no puedes comprar el viento
Tú no puedes comprar el sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor
Tú no puedes comprar las nubes
Tú no puedes comprar los colores
Tú no puedes comprar mi alegría
Tú no puedes comprar mis dolores
Não se pode comprar o vento
Não se pode comprar o sol
Não se pode comprar a chuva
Não se pode comprar o calor
Não se pode comprar as nuvens
Não se pode comprar as cores
Não se pode comprar minha alegria
Não se pode comprar minhas dores
No puedes comprar el sol
No puedes comprar la lluvia
(Vamos caminando) (2x)
(Vamos dibujando el camino)
No puedes comprar mi vida (vamos caminando)
La tierra no se vende
Trabajo bruto, pero con orgullo
Aquí se comparte, lo mío es tuyo
Este pueblo no se ahoga con marullos
Y si se derrumba yo lo reconstruyo
Tampoco pestañeó cuando te miro
Para que te recuerde' de mi apellido
La Operación Cóndor invadiendo mi nido
Perdonó, pero nunca olvido, ¡joye!
Aquí se respira lucha
(Vamos caminando) Yo canto porque se escucha
(Vamos dibujando el camino) Oh, sí, sí, eso
(Vamos caminando) Aquí estamos de pie
¡Qué viva la América! No puedes comprar mi vida.

2. BOLIVIA

2.1 JACHÀ URU

Composición: Ruphay

<https://www.youtube.com/watch?v=GroodQN5Wkg->

ALCOHOLIKA LA CRISTO

uka jach'a uru jutaskiway
amuya sipxañani jutaskiway
uka jacha uru jutaskiway
amuya sipxañani jutaskiway

tajpacha llakinacasti
amuya sipxañani tukusiniu
taspacha llakinacasti
amuya sipxañani tukusiniu

tatanak mamanaka
uka jach'a uru jutaskiway
tatanas mamanaka
amuya sipxañani jutaskiway

2.2 ROJO, AMARILLO Y VERDE

Composición: Juan Enrique Jurado

<https://www.youtube.com/watch?v=jGDncfCpaPk>

Cantar por cantar
No hace falta pues cantar
De que sirve buena voz
Si es vacía tu canción
De que sirve buena voz
Si es vacía tu canción

Vivir por vivir
No hace falta pues vivir
Tiene que haber un motivo
Tienes que luchar por el
Tiene que haber un motivo
Tienes que luchar por el

Yo vivo y canto a mi patria
Porque la llevo en mi ser
Rojo, Amarillo y Verde
Es el tono de mi voz
Rojo, Amarillo y Verde
Es el tono de mi voz

Rojo, Amarillo y Verde
Es el tono de mi voz

Cantar por cantar
No hace falta pues cantar
De que sirve buena voz
Si es vacía tu canción
De que sirve buena voz
Si es vacía tu canción

Vivir por vivir

No hace falta pues vivir
Tiene que haber un motivo
Tienes que luchar por el
Tiene que haber un motivo
Tienes que luchar por el

Yo vivo y canto a mi patria
Porque la llevo en mi ser
Rojo, amarillo y verde
Es el tono de mi voz
Rojo, amarillo y verde
Es el tono de mi voz
Rojo, amarillo y verde
Es el tono de mi voz.

2.3 CORAGE

Composición: Luis Rico / Victor Heredia

<https://www.youtube.com/watch?v=PDYj5dVB5qo>

Vengo desde la selva el bosque chimán
Donde niño y serpiente tienen su hogar
Vengo desde la tierra que ya no está
Donde antes se vivía en libertad.
Vengo a decírles que allá siembran dolor
El que depreda, mata y corta la flor,
El que mancha los ríos, el talador.
Coraje, coraje
La unión hace la fuerza y un corazón americano
Crece a la luz del sol.
Les traigo en las palabras el corazón
Desde la amazonía Yuracaré
Les traemos la esperanza, la fe y la razón
Que cargan en sus espaldas hombre y mujer.
La furia y la codicia del carayana
Está sembrando envidia y desolación
Y eso es lo que me duele en el corazón.
Coraje, coraje
La unión hace la fuerza y un corazón americano
Crece a la luz del sol.
Unidos lo Movima y los Sirionó,
Mojeños la esperanza razón y fe
En contra el carayana depredador
Luchando en el Isiboro y el Securé
Por eso el territorio y la dignidad
Nos venimos buscando al caminar
De los hermanos la solidaridad
Coraje, coraje...

2.4 JUSTICIA PARA VIVIR

Composición: Chila Jatun

<https://www.youtube.com/watch?v=q2oG0dnIMuc>

Amasuwaychu Illajtaykita

Ser ambicioso, ser codicioso

Será tu cárcel pobre infeliz

Todo el dinero de nuestro pueblo

Lo estás gastando en otro país

Quiero gritar

Justicia para vivir

Quiero pedir

Extradición o morir

Amasuwaychu Illajtaykita

Ser inocente es ser valiente

Hablar de frente, con la verdad

Y no engañando a nuestra gente

Eres escoria en la sociedad

Quiero gritar

Justicia para vivir

Quiero pedir

Extradición o morir

Déjala correr

Déjala para la sed

Del que va a nacer

Sobre su lecho han dejado

Árboles a medio arder

Ácidos, latas, botellas

Venenos de alto poder

Si el agua baja del cerro

Y aquí no tenemos mar

A quién va a dejar el Río

Sus orillas de llorar

Aqua que no has de beber

Déjala correr

Déjala para la sed

Del que va a nacer

Era el Río un beso limpio

En su tiempo de feliz

Y ahora en su pena de muerto

Es como una cicatriz

Este canto es un redoble

Es luto del caporal

Es un velorio de pobres

La paz en su funeral

Aqua que no has de beber

Déjala correr

Déjala para la sed

Del que va a nacer

2.5 EN EL FUNERAL DEL RIO

Composición: Luis Rico

<https://www.youtube.com/watch?v=FZqJLj7UKI4>

Están enterrando al Río

Su lecho es como un panteón

De plástico su mortaja

De óxido su cajón

Una corona de trapos

Unas flores de papel

Han dejado al Choqueyapu

Su retama y el laurel

Aqua que no has de beber

Déjala correr

Déjala para la sed

Del que va a nacer

De que se habrá muerto el Río

Dice la Kantuta en flor

Sorbió su propio veneno

Le responde el Picaflor

Dice el Tumbo que fue un crimen

Planeado por algún ser

Enemigo de la vida

Que esto no quiso leer:

Aqua que no has de beber



Pintura: Anderson Augusto Pereira

3 - BRASIL

3.1 PRA DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Composição: Geraldo Vandré

<https://www.youtube.com/watch?v=1KskJDDW93k&t=47s>

Caminhando e cantando / E seguindo a canção
Somos todos iguais / Braços dados ou não
Nas escolas, nas ruas / Campos, construções
Caminhando e cantando / E seguindo a canção

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer

Pelos campos há fome /
Em grandes plantações
Pelas ruas marchando / Indecisos cordões
Ainda fazem da flor / Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores / Vencendo o canhão

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer

Há soldados armados / Amados ou não
Quase todos perdidos / De armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam / Uma antiga lição
De morrer pela pátria / E viver sem razão

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas / Campos, construções
Somos todos soldados / Armados ou não
Caminhando e cantando / E seguindo a canção
Somos todos iguais / Braços dados ou não

Os amores na mente / As flores no chão
A certeza na frente / A história na mão
Caminhando e cantando / E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando / Uma nova lição

Vem, vamos embora / Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer

3.2 CÁLICE

Composição: Gilberto Gil e Chico Buarque

https://www.youtube.com/watch?v=ZiT_YHvUTHw

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Pai (Pai) Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado

Esse silêncio todo me atordoa
Atordoados eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

Pai (Pai) Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

De muito gorda a porca já não anda
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta
Essa palavra presa na garganta

Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Pai (Pai) Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno.

Quero perder de vez tua cabeça
Minha cabeça perder teu juízo
Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Me embriagar até que alguém me esqueça.

3.3 PACATO CIDADÃO

Composição: Samuel Rosa / Chico Amaral

<https://www.youtube.com/watch?v=ZnriPRW0-8Y>

Ô pacato cidadão, te chamei a atenção
Não foi à toa, não
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
Dia a dia não
E tracei a vida inteira planos tão incríveis
Tramo à luz do sol
Apoiado em poesia e em tecnologia
Agora à luz do sol
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Ô pacato cidadão, te chamei a atenção
Não foi à toa, não
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
Dia a dia não
E tracei a vida inteira planos tão incríveis
Tramo à luz do sol
Apoiado em poesia e em tecnologia
Agora à luz do sol
Pra que tanta TV, tanto tempo pra perder
Qualquer coisa que se queira saber querer
Tudo bem, dissipação de vez em quando é bão
Misturar o brasileiro com alemão
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Ô pacato cidadão, te chamei a atenção
Não foi à toa, não
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
Dia a dia não
E tracei a vida inteira planos tão incríveis
Tramo à luz do sol
Apoiado em poesia e em tecnologia
Agora à luz do sol
Pra que tanta sujeira nas ruas e nos rios
Qualquer coisa que se suje tem que limpar
Se você não gosta dele, diga logo a verdade
Sem perder a cabeça, sem perder a amizade
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Ô pacato cidadão, te chamei a atenção
Não foi à toa, não
C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
Dia a dia não
E tracei a vida inteira planos tão incríveis
Tramo à luz do sol
Apoiado em poesia e em tecnologia
Agora à luz do sol
Consertar o rádio e o casamento, é
Corre a felicidade no asfalto cinzento

Se abolir a escravidão do caboclo brasileiro
Numa mão educação, na outra dinheiro
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Pacato cidadão, ô pacato da civilização
Someone's knocking on the door
Somebody is ringing the bell
Someone's knocking on the door
Somebody is ringing the bell
Do me a favor, open the door
Let'em in, let them in
Pacato cidadão, ô pacato
Da civilização
Da civilização

3.4 UTOPIA

Composição: Zé Vicente

<https://www.youtube.com/watch?v=5OhVQ1ZE20g>

Quando o dia da paz renascer,
Quando o Sol da esperança brilhar,
eu vou cantar.
Quando o povo nas ruas sorrir,
e a roseira de novo florir, eu vou cantar.

Quando as cercas cairem do chão,
Quando as mesas se encherem de pão,
eu vou cantar.
Quando os muros que cercam os jardins,
destruídos, então os jasmins vão perfumar.

Vai ser tão bonito se ouvir a canção,
cantada de novo,
No olhar da gente a certeza do irmão, reinado
do povo (2x)

Quando as armas da destruição, destruídas em
cada nação, eu vou sonhar,
e o decreto que encerra a opressão,
assinado só no coração vai triunfar

Quando a voz da verdade se ouvir
e a mentira não mais existir, será enfim,
tempo novo de eterna justiça,
sem mais ódio, sem sangue ou cobiça
vai ser assim

Vai ser tão bonito se ouvir a canção, cantada de
novo,
No olhar da gente a certeza do irmão, reinado
do povo

3.5 COMIDA

Composição: Marcelo Fromer / Arnaldo Antunes /
Sergio Britto
<https://www.youtube.com/watch?v=94SR1WNOHcw>

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida
Quer comida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

A gente não quer só comer
Quer comer e quer fazer amor

A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor

A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade

Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo
Necessidade, vontade
Necessidade, desejo
Necessidade, vontade
Necessidade, desejo
Necessidade, vontade
Necessidade

3.6 PEREGRINOS NAS ESTRADAS

Composição: Frei Domingos dos Santos
<https://www.youtube.com/watch?v=VoptVVgtF28>

Peregrino nas estradas de um mundo desigual,
espoliado pelo lucro e ambição do capital;
Do poder do latifúndio enxotado e sem lugar,
Já não sei pra onde andar:
da esperança, eu me
apego ao mutirão.

Quero entoar um canto novo de alegria
Ao raiar aquele dia
de chegada em nosso chão.
Com meu povo celebrar a alvorada,
Minha gente libertada,
lutar não foi em vão.

Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos
o clamor
e Jesus se fez do pobre companheiro e servidor;
os profetas não se calam, denunciando a
opressão,
pois a terra é dos irmãos
e na mesa igual partilha tem que haver.

Pela força do amor, o universo tem carinho
E o clarão de suas estrelas ilumina o caminho.
Nas torrentes da Justiça meu trabalho é
comunhão.
Arrozais florescerão!
E em seus frutos liberdade colherei.

3.7 CANTO DAS TRÊS RAÇAS

Composição: Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro
https://www.youtube.com/watch?v=ojyql_8FqfA

Ninguém ouviu
 Um soluçar de dor, no canto do Brasil
 Um lamento triste sempre ecoou
 Desde que o índio guerreiro
 Foi pro cativeiro e de lá cantou

 Negro entoou
 Um canto de revolta pelos ares
 No Quilombo dos Palmares
 Onde se refugiou
 Fora a luta dos Inconfidentes
 Pela quebra das correntes
 Nada adiantou
 E de guerra em paz, de paz em guerra
 Todo o povo dessa terra
 Quando pode cantar, canta de dor

 E ecoa noite e dia, é ensurdecedor,
 Ai, mas que agonia
 O canto do trabalhador
 Esse canto que devia
 Ser um canto de alegria
 Soa apenas como um soluçar de dor

3.8 UMA ESTRADA DE FERRO, UM GRITO DE RESISTÊNCIA

Composição: Pedro Alves Pinheiro
<https://www.youtube.com/watch?v=ugZhCdypfGI>

Sopraram vento do norte,
 fizeram de ferro um caminho
 Expulsaram os caboclos da terra
 Ficaram lembranças...

 Rasgaram o mato ao meio
 Mãe terra ficou quase nua
 Roubaram suas riquezas
 Minha mãe: Espelho da lua

 A estrada cortou o chão
 Ferro e brasa marcaram a terra
 Com gritos de resistência
 Catarina vê a guerra

 Os caboclos não se calaram
 Com briga fizeram história
 De bandeiras e armas nas mãos
 Construíram sua memória

 Lutaram contra o burguês
 Contra “gringos”, vindos do norte

A coragem viu-se nascer
 E o rumo, era a própria sorte

 Sem terra, mas com esperança
 Resistindo ao longo processo
 Muitos morreram na luta
 No que se dizia progresso

 O sangue caboclo nas veias
 Enfrentou a forte ganância
 Eram os homens do governo
 O exército da arrogância

 A Santa assistiu a batalha
 Pelados, peludos na guerra
 Eram apenas caboclos lutando
 Por seu pedaço de terra

 Agora acabo cantando
 Um pedaço da santa história

 De burgueses contra caboclos
 Que lutaram sem obter glória

 Foi assim que procedeu
 A luta do contestado
 Da exploração de riquezas
 Da morte cabocla neste chão amado

3.9 SAMBA DA UTOPIA
Composição: Jonathan Silva
<https://www.youtube.com/watch?v=KDXX7m3iBzc>

Se o mundo ficar pesado
 Eu vou pedir emprestado
 A palavra poesia

 Se o mundo emburrer
 Eu vou rezar pra chover
 Palavra sabedoria

 Se o mundo andar pra trás
 Vou escrever num cartaz
 A palavra rebeldia

 Se a gente desanimar
 Eu vou colher no pomar
 A palavra teimosia

 Se acontecer afinal
 De entrar em nosso quintal
 A palavra tirania

 Pegue o tambor e o ganzá
 Vamos pra rua gritar
 A palavra utopia

3.10 O BÊBADO E A EQUILIBRISTA

Composição: Joao Bosco De Freitas Mucci / Aldir Blanc Mendes
https://www.youtube.com/watch?v=1g_p4Xcn5CE

Caía a tarde feito um viaduto
 E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos
 A lua, tal qual a dona de um bordel
 Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel
 E nuvens lá no mata-borrão do céu
 Chupavam manchas torturadas
 Que sufoco
 Louco
 O bêbado com chapéu-coco
 Fazia irreverências mil
 Pra noite do Brasil
 Meu Brasil
 Que sonha com a volta do irmão do Henfil
 Com tanta gente que partiu
 Num rabo de foguete
 Chora
 A nossa Pátria mãe gentil
 Choram Marias e Clarisses
 No solo do Brasil
 Mas sei que uma dor assim pungente
 Não há de ser inutilmente
 A esperança
 Dança na corda bamba de sombrinha
 E em cada passo dessa linha
 Pode se machucar
 Azar
 A esperança equilibrista
 Sabe que o show de todo artista
 Tem que continuar

3.11 ORDEM E PROGRESSO

Composição: Zé Pinto
<https://www.youtube.com/watch?v=fUhKVuGErMU>

Esse é o nosso país
 Essa é a nossa bandeira
 É por amor a essa pátria Brasil
 Que a gente segue em fileira

 Queremos mais felicidades
 No céu deste olhar cor de anil
 No verde esperança sem fogo
 Bandeira que o povo assumiu

No verde esperança sem fogo
 Bandeira que o povo assumiu
 Amarelos são os campos floridos
 As faces agora rosadas
 Se o branco da paz se irradia
 Vitória das mãos calejadas
 Se o branco da paz se irradia
 Vitória das mãos calejadas

Esse é o nosso país...

Queremos que abrace essa terra
 Por ela quem sente paixão
 Quem põe com carinho a semente
 Pra alimentar a nação
 Quem põe com carinho a semente
 Pra alimentar a nação
 A ordem é ninguém passar fome
 Progresso é o povo feliz
 A Reforma Agrária é a volta
 Do agricultor à raiz
 A Reforma Agrária é a volta
 Do agricultor à raiz
 Esse é o nosso país...

3.12 ANGÉLICA

Composição: Chico Buarque, Milton Filho
<https://www.youtube.com/watch?v=hGRMIUbFEWO>

Quem é essa mulher
 Que canta sempre esse estribilho
 Só queria embalar meu filho
 Que mora na escuridão do mar

 Quem é essa mulher
 Que canta sempre esse lamento
 Só queria lembrar o tormento
 Que fez o meu filho suspirar

Quem é essa mulher
 Que canta sempre o mesmo arranjo
 Só queria agasalhar meu anjo
 E deixar seu corpo descansar

 Quem é essa mulher
 Que canta como dobra um sino
 Queria cantar por meu menino
 Que ele já não pode mais cantar

3.13 PELOS CAMINHOS DA AMÉRICA

Composição: Zé Vicente

<https://www.youtube.com/watch?v=tAlqUOEAdPU>

Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América,
Pelos caminhos da América, Latino América.

Pelos caminhos da América há tanta dor,
tanto pranto,
nuvens, mistérios, encantos
que envolvem nosso caminhar.
Há cruzes beirando a estrada,
pedras manchadas de sangue,
Apontando como setas,
que a liberdade é pra lá.

Pelos caminhos da América
há monumentos sem rosto
Heróis pintados, mau gosto,
livros de história sem cor
Caveiras de ditadores,
soldados tristes, calados,
Com esbugalhados,
vendo avançar o amor.

Pelos caminhos da América
há mães gritando, qual loucas,
Antes que fiquem tão roucas,
digam onde acharão,
Seus filhos mortos,
levados na noite da tirania,
Mesmo que matem o dia,
elas jamais calarão.

Pelos caminhos da América,
no centro do continente,
Marcham punhados de gente,
com a vitória da mão.
Nos mandam sonhos, cantigas,
em nome da liberdade,
Com o fuzil da verdade,
combatem firme o dragão.

Pelos caminhos da América,
bandeiras de um novo tempo,
Vão semeando, ao vento,
frases teimosas de paz.
Lá na mais alta montanha,
há um pau d'arco florido,
Um guerrilheiro querido,
que foi buscar o amanhã.

Pelos caminhos da América
há um índio tocando flauta,

Recusando a velha pauta,
que o sistema lhe impôs.
No violão um menino
e um negro tocam tambores,
Há sobre a mesa umas flores,
pra festa que vem depois.

3.14 UM OUTRO OLHAR DO SUL

Composição: Claudia Weinman, Pedro Pinheiro e Pedro Munhoz

<https://www.youtube.com/watch?v=NohZmNwAvF8>

Em nossas veias, os ancestrais
Segue um sureño, cantando vai
Se ouve ao longe um sapucaí
Geadas e frio no amanhecer

A vida segue tão desigual
Gente e cavalo, tudo é bagual
Tudo parece tudo normal
Um mate quente para aquecer

Nem tudo é verde, azul
Aí como está
Um outro olhar do Sul
Ver, saber, olhar

Mas na verdade manda o patrão
Falta dinheiro na divisão
Sofre o operário, sofre o peão
Sofre o rebento que vai nascer

A proletária do proletário
Também escreve em seu diário
Discriminada no seu trabalho
Muitas jornadas num padecer

A juventude fantasiada
Sem consciência, ideologizada
Anda perdida pelas calçadas
Tem gurizada sem entender

Vendem seus cestos, filhos no colo
Pedem guarida, perdem seu solo
Terra Sem Males, um desconsolo
Os invisíveis que o Sul não vê

Todas as cores, todos os medos
Todos os tambores, todos os negros
Os dissabores, os desalentos
Os invisíveis que o Sul não vê!

3.15 MULHER GUERREIRA

Composição: Reneu Zortea

<https://www.youtube.com/watch?v=OHd9Vck7cGI>

Há guerreiras nas ruas, Iguais irmãs luas,
se renovam sempre com bandeiras nas mãos,
elas conquistam o pão nosso de cada dia
Sabem que sua glória é a luta
Na história para mudar o presente
Mirando o horizonte e se tornam a ponte
Para grande Utopia

Hei mulher guerreira
fortalecer a luta em defesa da vida
Que chorem o agronegócio,
capital e sócios dessa máfia fingida.

Há mulheres guerreiras, madrugando em
fileiras, seguindo uma luz
De olho nas guaritas, o coração palpita que o
mundo está mudando
Seguem passos ligeiros, mirando alvos
certeiros que chore a Aracruz
Pra salvar nossas vidas, essa é a medida, de
quem segue lutando.

Somos sobre guerreiras, seguindo em fileiras,
mirando a Utopia
Na força da mulher, a nossa classe quer um
novo socialismo
Ressurgindo na base, essa nova sociedade se
constrói com ousadia
Esse é o nosso projeto, agora vai dar certo
contra o capitalismo.

3.16 CARTOMANTE

Composição: Ivan Lins / Vitor Martins

<https://www.youtube.com/watch?v=MRjorTs7YxM>

Nos dias de hoje é bom que se proteja
Ofereça a face pra quem quer que seja
Nos dias de hoje esteja tranquilo
Haja o que houver pense nos seus filhos
Não ande nos bares, esqueça os amigos
Não pare nas praças, não corra perigo
Não fale do medo que temos da vida
Não ponha o dedo na nossa ferida
Nos dias de hoje não lhes dê motivo
Porque na verdade eu te quero vivo
Tenha paciência, Deus está contigo
Deus está conosco até o pescoço
Já está escrito, já está previsto
Por todas as videntes, pelas cartomantes

Tá tudo nas cartas, em todas as estrelas
No jogo dos búzios e nas profecias
Cai o rei de Espadas
Cai o rei de Ouros
Cai o rei de Paus
Cai, não fica nada.

3.17 FORMIGUEIRO

Composição: Ivan Lins

<https://www.youtube.com/watch?v=lTuYAh0LvEA>

Avisa ao formigueiro
Vem aí tamanduá
Pra começo de conversa,
tão com grana e pouca pressa
Nego quebra a dentadura
mas não larga a rapadura.

Nego mama e se arruma,
se vicia e se acostuma
E hoje em dia está difícil
de acabar com esse ofício

Avisa ao formigueiro
Vem aí tamanduá
Repinique e xique-xique,
tanta caixa com repique
Pra entupir nossos ouvidos,
pra cobrir nossos gemidos.

Quando acabar o batuque
aparece outro truque
Aparece outro milagre
do jeito que a gente sabe

Avisa ao formigueiro
Vem aí tamanduá
Tanto furo, tanto rombo
não se tapa com biombo
Não se esconde o diabo
deixando de fora o rabo.

E pro "home" não tá fácil
de arrumar tanto disfarce
De arrumar tanto remendo
se tá todo mundo vendo...

Avisa ao formigueiro
Vem aí tamanduá

3.18 CIDADÃO

Composição: Lucio Barbosa dos Santos

<https://www.youtube.com/watch?v=cCnr8bpe6hI>

Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
E me diz desconfiado, tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte
Por que que eu deixei o norte
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer

Tá vendo aquela igreja moço?
Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também
Lá sim valeu a pena
Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que cristo me disse
Rapaz deixe de tolice
Não se deixe amedrontar

Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar

3.19 RECORTES

Pedro Munhoz

<https://www.youtube.com/watch?v=6zYc72sxfUc>

Rotina mal paga
Não sobra no bolso
O mesmo desgosto
O velho refrão
É pique, é piquete
Estamos em greve
E quando amanhece
Não abre o portão

A rua se agita
Tão subitamente
E o sonho da gente
Estremece o patrão
E cercam esquinas
Vias, viaturas
A mão que tortura
Vem lá do porão

Varais estendidos
A roupa que seca
Tremula inquieta
Manchetes de sangue
Um tiro, um disparo
Um grito de dor
E um trabalhador
Boiando no mangue

Rotina mal paga
Quem vive da sobra
A vida lhe cobra
Pra ganhar o pão
Catando o esbanjo
Riqueza de poucos
Do dono do porco
Da situação

A vila, o morro
A periferia
Saudade, maria
Ganhou o mundão
Não manda noticia
Só manda dinheiro
Tão só no estrangeiro
Não vive sertão

3.20 DEMARCAÇÃO JÁ!

Composição: Chico Cesar

<https://www.youtube.com/watch?v=wbMzdkaMsdo>

Já que depois de mais de cinco séculos
E de eñe ciclos de etnogenocídio
O índio vive, em meio a mil flagelos
Já tendo sido morto e renascido
Tal como o povo kadiwéu e o panará
Demarcação já! Demarcação já!

Já que diversos povos vêm sendo atacados
Sem vir a ver a terra demarcada
A começar pela primeira no Brasil
Que o branco invadiu já na chegada
A do tupinambá

Demarcação já! Demarcação já!

Já que, tal qual as obras da Transamazônica
Quando os milicos os chamavam de silvícolas
Hoje um projeto de outras obras faraônicas
Correndo junto da expansão agrícola
Induz a um indicídio, vide o povo kaiowá

Demarcação já! Demarcação já!

Já que tem bem mais latifúndio em desmesura
Que terra indígena pelo país afora;
E já que o latifúndio é só monocultura
Mas a T.I. é polifauna e pluriflora
Ah!

Demarcação já! Demarcação já!

E um tratoriza, motosserra, transgeniza
E o outro endeusa e diviniza a natureza
O índio a ama por sagrada que ela é
E o ruralista, pela grana que ela dá;
Hum, bah!

Demarcação já! Demarcação já!

Já que por retrospecto só o autóc
Tone mantém compacta e muito intacta
E não impacta, e não infecta, e se
Conecta e tem um pacto com a mata
Sem a qual a água acabará

Demarcação já! Demarcação já!

Pra que não deixem nem terras indígenas
Nem unidades de conservação
Abertas como chagas cancerígenas
Pelos efeitos da mineração
E de hidrelétricas no ventre da Amazônia, em
Rondônia, no Pará

Demarcação já! Demarcação já!

Já que tal qual o negro e o homossexual
O índio é tudo que não presta, como quer
Quem quer tomar-lhe tudo que lhe resta
Seu território, herança do ancestral
E já que o que ele quer é o que é dele já!

Demarcação, tá? Demarcação já!

Pro índio ter a aplicação do Estatuto
Que linde o seu rincão qual um reduto
E blinde-o contra o branco mau e bruto
Que lhe roubou aquilo que era seu
Tal como aconteceu, do Pampa ao Amapá

Demarcação lá! Demarcação já!

Já que é assim que certos brancos agem
Chamando-os de selvagens, se reagem
E de não índios, se nem fingem reação
À violência e à violação

De seus direitos, de Humaitá ao Jaraguá

Demarcação já! Demarcação já!

Pois índio pode ter iPad, freezer, TV,
caminhonete, voadeira
Que nem por isso deixa de ser índio
Nem de querer e ter na sua aldeia
Cuia, canoa, cocar, arco, maracá

Demarcação já! Demarcação já!

Pra que o indígena não seja um indigente
Um alcoólatra, um escravo ou exilado
Ou acampado à beira duma estrada
Ou confinado e no final um suicida
Já velho ou jovem ou pior, piá

Demarcação já! Demarcação já!

Por nós não vermos como natural
A sua morte sociocultural
Em outros termos, por nos condoermos
E termos como belo e absoluto
Seu contributo do tupi ao tucupi, do guarani ao
guaraná

Demarcação já! Demarcação já!
Pois guaranis e makuxis e pataxós
Estão em nós, e somos nós, pois índio é nós
É quem dentro de nós a gente traz, aliás
De kaiapós e kaiowás somos xarás
Xará

Demarcação já! Demarcação já!
Pra não perdermos com quem aprender
A comover-nos ao olhar e ver
As árvores, os pássaros e rios
A chuva, a rocha, a noite, o sol, a arara
E a flor de maracujá

Demarcação já! Demarcação já!
Pelo respeito e pelo direito
À diferença e à diversidade
De cada etnia, cada minoria
De cada espécie da comunidade
De seres vivos que na Terra ainda há

Demarcação já! Demarcação já!
Por um mundo melhor ou, pelo menos
Algum mundo por vir; por um futuro
Melhor ou, Oxalá, algum futuro
Por eles e por nós, por todo mundo
Que nessa barca junto todo mundo tá

Demarcação já! Demarcação já!
Já que depois que o enxame de Ibirapueras
E de Maracanãs de mata for pro chão
Os yanomami morrerão deveras
Mas seus xamãs seu povo vingarão
E sobre a humanidade o céu cairá

Demarcação já! Demarcação já!
Já que, por isso, o plano do krenak encerra
Cantar, dançar, pra suspender o céu
E indígena sem terra é todos sem a Terra
É toda a civilização ao léu
Ao deus-dará

Demarcação já! Demarcação já!
Sem mais embromação na mesa do Palácio
Nem mais embaço na gaveta da Justiça
Nem mais demora nem delonga no processo
Nem retrocesso nem pendenga no Congresso
Nem lengalenga, nenhém nem blablablá!
Demarcação já! Demarcação já!
Pra que nas terras finalmente demarcadas
Ou autodemarcadas pelos índios

Nem madeireiros, garimpeiros, fazendeiros
Mandantes nem capangas nem jagunços
Milícias nem polícias os afrontem!
Verá!

Demarcação ontem! Demarcação já!
E deixa o índio, deixa o índio, deixa os índios lá.

3.20 MOMENTO NOVO

Composição: Ernesto B. Cardoso
<https://www.youtube.com/watch?v=p9FBM5DEaLQ>

Deus chama a gente pra um momento novo
De caminhar junto com o Seu povo
É hora de transformar o que não dá mais
Sozinho, isolado, ninguém é capaz

Não é possível crer que tudo é fácil
Há muita força que produz a morte
Gerando dor, tristeza e desolação
É necessário unir o cordão

Por isso vem entra na roda com a gente também
Você é muito importante

A força que hoje faz brotar a vida
Habita em nós pela sua graça
É ele quem nos convida pra trabalhar
O amor repartir e as forças juntar.

3.21 SIM E NÃO

Lurdinha Paschoalette
<https://www.youtube.com/watch?v=-3alAhz-hbc>

SIM... eu posso me arrastar...
Posso sim, me arrastar no chão
Se for pra caranguejar e comer no jantar.

Mas NÃO me arrasto por você
Nem por ninguém
Por nenhum sistema ou capital
Que trate o humano como escravo
Que destrua o planeta - a terra, a água, o ar.

SIM... eu posso me submeter...
Posso sim, me submeter a exames
Se for pra cuidar da saúde, quando precisar.

Mas NÃO me submeto a você
Nem a ninguém
Que trate como ser inferior,
O negro e o índio, o haitiano, o gay
A mulher, a transexual, gente de toda cor.

SIM... eu posso obedecer...
Posso sim, obedecer ao que dizem as leis
Se estas puderem proteger, cuidar.

Mas NÃO obedeço a você
Nem ao sistema, nem ao capital
Improdutivo, injusto, violento
Impalpável, obscuro, obsceno
Que faz o mundo tão desigual.

Sim e não
Sim e não
Sim e não

SIM... eu tenho lado, eu tenho escolhas
Eu NÃO tenho medo do amor...
SIM eu posso, eu quero, eu faço, eu vou...
NÃO, eu não vou me calar
diante da violência e da dor...

3.22 PATRIOTA COMUNISTA

Gabriel, o Pensador

<https://www.youtube.com/watch?v=uslkf06tNNg>

Tá ficando tarde
Acho que era nisso que eu pensava
Enquanto tentava dormir
Pra ver se pelo menos dormindo eu ainda sonhava
E o sono não queria vir
Pra ver se pelo menos dormindo
Eu ainda conseguia respirar

Tô ficando sem ar
Acho que era nisso que eu pensava
Enquanto o meu sonho tentava chegar
Tentando desligar minha cabeça
Mas em alguma tela esse filme passava

Era um filme de sangue ou seriam as notícias?
Era um filme de gangue ou seria uma milícia?
Era um filme de época uma velha novela
O terror na favela e o hospital saturado

A criança espancada, era um trans torturado
Eu fiquei transtornado, eram cenas horríveis
Transcendendo níveis jamais tolerados
Já mais tolerados agora por seres humanos
Já mais insensíveis

Já mais insensíveis do que os alemães
Que tratavam os judeus como gado
Marcados com brasa e no Brasa
80 anos depois o enredo é igual

Medo e maniqueísmo e o ódio é normal
Preconceito é aceito e a morte é banal
Ou você é excomungado ou você é como os bois
Isso aqui sempre foi um curral

Uma bíblia, uma bunda, uma bola, uma pinga
E uma sobra de feijão com arroz
O que mais poderíamos querer?
Uma arma pra cada, uma bela piada
Zombando da cara de quem vai morrer?

Será que a minha amiga de Belo Horizonte
Pulou da janela do quinto
Sentindo essa angústia que eu sinto?
Por já não ver nada de belo ao buscar um horizonte
E enxergar vários monstros brindando com cálices

De vinho tinto e a carne mais cara no prato
A carne barata é a dos pretos, compartilham prantos
E prints das fotos dos corpos
Mas nos comentários o texto vem pronto

Se morreu no morro e é preto e fodido
Deve ser bandido então tudo bem
Se a Katlen não fosse mulher e gestante
Iam dizer que ela era traficante também

Se a família chora, o poder ignora e o diabo até ri
Agora o meu sono tá vindo e eu também tô sorrindo
Brincando com o menino Henry

Acabou chorare
No sonho eu componho com Moraes Moreira
Mas nem lá de cima ele esquece a vergonha
Lá vem o Brasil descendo a ladeira

E os novos baianos que chegam no céu
Foram executados por terem tentado furtar
Um pedaço de carne num supermercado
Então os seguranças pegaram em flagrante
Primeiro pediram dinheiro

Mas logo mandaram chamar os traficantes do bairro
E mandaram entregar os ladrões de galinha pro coveiro

Chegaram no céu
E aí Gabriel, você por aqui?
Fiquei preocupado, será que eu morri?
Mas é só um sonho, vou ver se aproveito
Pra dar um abraço em meu pai

Difícil encontrar, chega gente demais
Numa fila que nunca termina
Vi uns anjos ali reclamando
Porque tinha país recusando vacina
Disfarcei minha nacionalidade
Eu acho que eu sou patriota

Mas no céu quem puser suas bandeiras acima de tudo
Deus dá cascudo e chama de idiota
Eu acho que eu sou humanista
Mas a humanidade tá punk
Eu peço um papel e uma caneta
Começo uma letra e encontro o Aldir Blanc

Me encanto com um conto do Rubem Fonseca
E canto uma do Roupa Nova
Enquanto num canto Jesus me observa
Com cara de quem desaprova

Eu acho que eu sou comunista
Pois sempre chutei de canhota
Encontrei o Maradona gritando: Argentina!
Eu acho que ele é patriota

Sou patriota? Sou comunista?
Ou só mais um morto vivendo no inferno
Só mais um sonho morrendo no céu
Mais uma nota no bolso do terno

Sou comunista? Sou patriota?
Sou um cacique atacado na oca
Sou uma criança pedindo comida
Sou uma foca aplaudindo uma orca

Sou um cientista pedindo uma esmola
Sou um quilombola virando piada
Sou uma vida que nem vale um dólar
Sou uma preguiça assistindo à queimada

Sou só mais um dos milhões de indivíduos
Tão divididos na morte e na vida
Somos devotos dos santos bandidos
Briga de votos parece torcida

Gritos de mito e de genocida
Almoço grátis com merda no prato
Toda verdade será distorcida
Todo poder pro Capitão do Mato

Quando eu morrer
Não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela
Gravada com o nome dela

Tá ficando estranho esse sonho
Mais um amigo chegando risonho

Eduardo Galvão, seu olhar ainda brilha
Mandando um recado pra filha

Querida, a vida é pra ser bem vivida
Não é uma corrida pro pódio
Amigo, ela sabe, eu também
E por isso também sobreponho o amor ao ódio

E sempre que posso ainda sonho
E tento inspirar tolerância
Se eu pude aprender com os meus erros
Não quero enterrar a esperança

Em que tempos de tantos enterros
O homem ainda enxergue a aberração da arrogância
E agarre esse chance de achar uma mudança
De rumo atitude e conduta

Mas fica difícil encontrarmos caminhos mais justos
Se todos nós somos tão filhos da puta
Fazendo de tudo pra levar vantagem em tudo
Achando normal o absurdo

Pagando de louco, de cego e de surdo
Apenas quando nos convém
Estamos doentes, o Vereador e a mãe do menino
O Governador e o Ministro assassino
Que mata inocente no morro
Ou dispensa a vacina, de onde eles vêm?

Virou pesadelo esse sonho
Olhando pra gente eu até me envergonho
E eu acho que sou um cidadão de bem
Por isso me exponho e me cobro também

Se eu pude aprender pela voz dos poetas
Não posso aceitar a censura
Se os meus professores abriram minha mente
A cura tá na educação e na cultura

Já tá uma tortura esse sonho
E falando em cultura olha quem aparece
Trazendo ironia e coragem
Me arranca um sorriso e alivia o estresse

No sonho ele vem com milhares de vítimas
500 mil mortos ou mais
Acordo assustado
E o sorriso do Paulo Gustavo na dor se desfaz

Só sinto o meu corpo gelado
E do lado da cama uma frase dizendo: Aqui jaz
Esfrego os meus olhos e vejo
Que sou um escravo amarrado num tronco

E quando o chicote arrebenta minhas costas
Me sinto impotente mas olho pra trás

A lágrima lava o meu rosto
E eu já consciente levanto pra sonhar de novo
E quebro as correntes quando reconheço
O meu rosto na cara do meu capataz

Quando eu morrer
Não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela
Gravada com o nome dela

Quando eu morrer
Não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela
Gravada com o nome dela

POESIA

3.A. QUANDO MATAM UM SEM TERRA

Pedro Munhoz

<https://www.youtube.com/watch?v=uHAHGOUPqZ4>

Quem contar traz à memória,
sabendo que a dor existe,
quando a morte ainda insiste,
em calar quem faz a História.
Pois quem morre não tem glória,
nem tampouco desespera,
é um valente na guerra,
tomba, em nome da vida.
Da intenção ninguém duvida,
quando matam um Sem Terra.

Foi assim nesta jornada,
quando mataram mais um,
o companheiro ELTON BRUM,
não teve tempo pra nada.
Numa arma disparada,
o Estado é quem enterra
e uma vida se encerra,
em nome da covardia.
Toda a nossa rebeldia
quando matam um Sem Terra.

É o desatino fardado,
armado até os dentes,
até esquecem que são gente,
quando estão do outro lado.

E vestidos de soldado,
todo o sonho dilacera,
violência prolifera
tiro certeiro, fatal.
Beiram o irracional,
quando matam um Sem Terra.

Quem és tu, torturador,
que tanta dor desatas,
desanima e maltrata
o humilde plantador?
Negas a classe, traidor,
do povo tudo se gera,
te esqueces deveras,
debaixo de um capacete.
Dá a ordem o Gabinete,
quando matam um Sem Terra.

Em algum lugar da pampa,
ELTON deve de estar,
tranquilo no caminhar,
jeito humilde na estampa.
E algum céu se descampa,
coragem se retempera,
outras batalhas se espera,
dois projetos em disputa.
Não se desiste da luta,
quando matam um Sem Terra.

3.B. RESISTÊNCIA

Composição: Sergio Vaz

https://web.facebook.com/poetasergio.vaz2/posts/3365691580176902/?_rdr=1&_rdr

Resistir ao lado das pessoas
que a gente gosta,
deixa a luta mais suave,
a gente não quebra, entorta.

As lágrimas ficam filtradas,
o suor mais doce
e o sangue mais quente.

E sem que a gente perceba, percebendo,
as coisas começam a mudar à nossa volta.

E aquele sonho que parecia impossível,
acaba virando festa,
enquanto a gente revolta.

4. CHILE

4.2 MANIFIESTO

Composición: *Victor Jara*

<https://www.youtube.com/watch?v=uj-3mpjDC8M>

Ni por tener buena voz
Canto porque la guitarra
Tiene sentido y razón
Tiene corazón de tierra
Y alas de palomita
Es como el agua bendita
Santigua glorias y penas
Aquí se encajó mi canto
Como dijera Violeta
Guitarra trabajadora
Con olor a primavera

Que no es guitarra de ricos
Ni cosa que se parezca
Mi canto es de los andamios
Para alcanzar las estrellas
Que el canto tiene sentido
Cuando palpita en las venas
Del que morirá cantando
Las verdades verdaderas
No las lisonjas fugaces
Ni las famas extranjeras
Si no el canto de una lonja
Hasta el fondo de la tierra

Ahí donde llega todo
Y donde todo comienza
Canto que ha sido valiente
Siempre será canción nueva

A conquistar / Nuestra felicidad
Y en un clamor
Mil voces de combate se alzarán
Dirán / Canción de libertad
Con decisión / La patria vencerá
Y ahora el pueblo
Que se alza en la lucha
Con voz de gigante
Gritando: ¡adelante!

El pueblo unido, jamás será vencido
El pueblo unido, jamás será vencido
La patria está / Forjando la unidad
De norte a sur / Se movilizará
Desde el salar / Ardiente y mineral
Al bosque austral
Unidos en la lucha y el trabajo
Irán / La patria cubrirán
Su paso ya / Anuncia el porvenir
De pie, luchar / El pueblo va a triunfar
Millones ya / Imponen la verdad
De acero son / Ardiente batallón
Sus manos van / Llevando la justicia y la razón
Mujer / Con fuego y con valor
Ya estás aquí / Junto al trabajador
Y ahora el pueblo / Que se alza en la lucha
Con voz de gigante / Gritando: ¡adelante!
El pueblo unido, jamás será vencido
(repite 7x)
El pueblo unido (Lara-lara-lara)

4.2 EL PUEBLO UNIDO JAMÁS SERÁ VENCIDO

Quilapayún

<https://youtu.be/w8UGs0rdhq8>

De pie, luchar / Que vamos va a triunfar
Avanzan ya / Banderas de unidad
Y tú vendrás
Marchando junto a mí
Y así verás
Tu canto y tu bandera florecer
La luz / De un rojo amanecer
Anuncian ya / La vida que vendrá
De pie, luchar
El pueblo va a triunfar
Será mejor
La vida que vendrá

EL OTRO CHILE

Composición: *Portavoz y Staylok*

<https://www.youtube.com/watch?v=Qqq3Qr41wRk>

En la noche luna llena...
En el día suenan las sirenas...
Vengo de Chile...
el bajo Chile anónimo
Actores secundarios en un filme antagónico
Ese Chile que definen de "clase media"
Pero tienen las medias deudas
que los afligen y los asedian
El Chile de mis iguales y los tuyos
Que no salen en las páginas sociales de "El
Mercurio"
No tienen estatuas y no tienen calles
principales

Y no son grandes personajes en las putas historias oficiales
 El de montones de poblaciones que nacieron Por los mismos pobladores en las tomas de terreno
 El de casas bajas, pareadas y los bloques Las "casas chubi" y los departamentos básicos pa' pobres
 El de los almacenes y bazares varios Que quiebran cuando invade el barrio un supermercado
 El de los cachureos, ferias y persas Que resiste con fuerza el monopolio bestia del centro comercial
 El de los que se van en Metro pa' la pega Parados y repletos, y en Metro a la casa llegan De los que hacen su viaje en Transantiago o micro
 Y no pagan el pasaje cuando está la mano, m'ijo El Chile de los carritos de completos
 Y sopaipillas que siempre pillas en la esquina de un ghetto
 Donde hay menos escuelas que botillerías El Chile de mis secuelas, de mis penas y de mis alegrías
 Vengo del Chile común y corriente
 Ese que no sale en comerciales de TV
 Donde los grifos se abren, porque aquí el sol sí arde
 Cuidado con quemarte con este mensaje
 Vengo del Chile de Víctor Jarma y la Violeta Parra
 Los Hermanos Vergara, el Cizarro y el Zafrada
 El Chile de los 33 mineros atrapados
 Que casi murieron por culpa del negrero empresario
 Ese Chile de los Liceos Industriales, Particulares, Subvencionados y Municipales
 El de universitarios endeuda'os que tienen que pagar
 Como 2 carreras más de las que han estudiado
 El Chile que realmente que sufrió con el cataclismo
 Y perdió su vivienda, su familia y sus niños queridos
 Un terremoto no discrimina, y es verdad
 Pero si esta forma de vida asesina y criminal
 El de los hospitales colapsa'os, donde no hay camilla

Y te atienden en la silla o en cualquier la'o
 Y en invierno los pasillos están llenos de niños enfermos
 Y un infierno es si el AUGE no te ha abrigado
 El de vendedores ambulantes, de estudiantes, Deudores, trabajadores y cesantes frustrados,
 El de subcontratados, portuarios, Mineros, pobladores y obreros explotados
 Vengo del Chile de la mayoría
 Que cargan en el lomo el trono de unos pocos todo el puto día
 El que está en las penas de mi poesía
 El Chile de mis secuelas, de mis penas y mis alegrías
 Vengo del Chile común y corriente
 Ese que no sale en comerciales de TV
 Donde los grifos se abren, porque aquí el sol sí arde
 Cuidado con quemarte con este mensaje
 Sus discursos de "unidad nacional"
 Son sólo eso --discursos-- porque otra es la realidad
 Vivimos en una sociedad segreg'a
 Y no es casualidad: siempre lo quiso así la clase acomoda'a
 Porque eso cuando en Chile pienso
 No te hablo de banderas y emblemas, te hablo del Chile que vengo Lo siento, pero si algún día grito "Viva Chile"
 Será el día en que realmente Chile sea del pueblo y libre
 Canto de los miles y miles...
 Desde abajo preparando los misiles...
 Es el poblacional...



Arpillera Coletiva: BRUMADINHO. María Cecilia Martín Ferri – UMAPAZ, 2019.

5. COLÔMBIA

5.1 A COLOMBIA

Juan Luis Guerra

<https://youtu.be/eRrlFe72TCA>

El cielo le canta a tus mares mi bella Colombia
Las flores coronan tus valles a todo color
Reflejas la luz de tu risa como un continente
El sueño de tus arrozales como un girasol

En Colombia

El sol se despertó en Barranquilla
Para que tus ojitos miraran el mar
Cuando se vuelve horizonte, cariño
Las nubes bailan, la cumbia del ruiseñor
Los manantiales y ríos derraman Colombia tu amor

La brisa que peina los risos de tus cafetales
La lluvia bautiza un helecho que baila Folclore
Y dentro de tu corazón Carlos vives y Juanes
Shakira y Sofia te arruinan con esta canción

En colombia la luna se ha dormido en la arena
Y no se mueve de Cartagena hasta
Que tu le digas tu nombre cariño
Como te llamas que nombre tiene la flor
Que Dios bendiga por siempre a Colombia de paz y de amor

Bogotá y Medellín
Cali y Valledupar

Yo te invito a bailar mi canción
En Colombia la gente te da lo mejor
Y que pena con usted, a la orden su merce
Vallenato para el corazón en colombia
Serás bendecido de Dios pa'Colombia
Bella Colombia

Manizales, Cúcuta
Bucaramanga, Tuluá

Para Tunja y Pereira yo voy en Colombia la gente
Te da lo mejor y que pena con usted
A la orden sumerce
Para Villavicencio señor
En Colombia serás bendecido de Dios
Pa'Colombia
Bella Colombia

Colombia la luna el sol y el mar
Las estrellas anuncia que ha llegado el verano
Otoño, invierno y la primavera

Tus hijos, son la cosecha del fruto de tu estación
Que Dios bendiga por siempre a Colombia de paz y de amor, pa Colombia.

5.2 NO HAY UNA VIDA QUE NO NOS DUELA

Adriana Lucia

<https://youtu.be/WYyN6LuPlDw>

Oh-le-le-le-ey-le-le-le

No hay una vida que no nos duela
Cada lamento lleva una pena
Y aunque la suerte las abandone
No hay una madre que no la llore

Uh-eh-eh-eh, uh-eh-eh-eh

Para qué sirven los argumentos
Cuando hay dolor y no puedo verlo
La indiferencia es una condena

Que me duela cuando a ti te está doliendo
Aunque no viva lo que estás viviendo
Que pueda reflejarme en tus heridas
Estar contigo en la primera línea

Mi canto grita libertad
Las voces no se callarán, resistirán
En las montañas y en los ríos
Que han caminado en el olvido
Se cantará, se escuchará
Un canto nuevo que ha nacido

Para qué sirven los argumentos
Cuando hay dolor y no quiero verlo
No puedo verlo

Que me duela cuando a ti te está doliendo
Aunque no viva lo que estás viviendo
Que pueda reflejarme en tus heridas
Estar contigo en la primera línea

Mi canto grita libertad
Las voces no se callarán, resistirán
En las montañas y en los ríos
Que han caminado en el olvido
Se cantará, se escuchará
Se cantará, se escuchará
Un canto nuevo que ha nacido

No hay una vida que no nos duela
No hay una vida que no nos duela
No hay una vida que no nos duela
No hay una vida que no nos duela...

5.3 ¿QUIÉN LOS MATÓ?

Hendrix, Alexis Play, Junior Jein, Nidia Góngora
<https://youtu.be/4tWa4ja1xAA>

Madre

No llegaré a la hora de la cena
Aparecí en un lugar
Que no era mi hogar
Me duele estar tan lejos
Oigo me están llamando

Madre

No llegaré a la hora de la cena
Aparecí en un lugar
Que no era mi hogar
Dicen que ven mi cuerpo
Oigo me están llorando

Volvió el monstruo que acecha

El que despoja las tierras
Y el que pudre las cosechas
Tiene la mirada fría y carece de empatía
Su apetito es insaciable, tiene la panza vacía
No cree en edades, ni dogmas, ni formas, ni normas
Destruye lo que vé y no se conforma
Solo obedece intereses económicos
Infunde el miedo y entierra a soldados anónimos

Hermanos de otras madres que salieron de sus casas

Se fueron hace un día y hace años que no abrazan
Ese monstruo llegó al cañaduzal
Quiso azúcar de la vida y dejó peste con cal
¿Por qué ser otro desaparecido?
¿Por qué darlo todo por perdido?
¿Por qué cambiar mi nombre y apellido?
¿O me quieren pasar por otro falso positivo?

Madre

No llegaré a la hora de la cena
Aparecí en un lugar
Que no era mi hogar
Me duele estar tan lejos
Oigo me están llamando

Madre

No llegaré a la hora de la cena
Aparecí en un lugar
Que no era mi hogar
Dicen que ven mi cuerpo
Oigo me están llorando

Hay sangre en la arena y esta vez no es del torero

Son cinco chicos que salieron pero nunca volvieron

Uno de ellos resistió de una manera inexplicable
Para señalar el camino y que lo pudiera encontrar su madre

En medio de una escena con respuestas en potencia
Y unos cuántos que no se entendía que hacían allí
El dolor de familiares impulsados por el miedo
Queriendo llevar sus hijos sin saber si podrían salir

Con vida a contarle al mundo lo ya sucedido
Si esta madre no se atreve todo estaría perdido
Y estaría en archivo y otra historia pa' contar
Del país con la clase obrera que se muere en la impunidad

Sangre

Hay sangre en unas manos ajenas
Si me convierto en canción
Solo recuérdame feliz
Aquí no pasa el tiempo
No hay pena o sufrimiento

Ahora soy yo quien va a escandalizarse
Con la fuerza de los gritos de Ruby Cortes en los cañaduzales
Le exijo a la justicia que este caso se aclare
Y que no quede impune como casi siempre hacen

Nada, la vida de los negros no importa nada
Lo primero que dicen es: "andaban en cosas raras"
Como Jean Paul, Jair, Léyder, Álvaro y Fernando
Somos víctimas del sistema y el abandono del estado

Pero el pueblo no se rinde carajo

¿Quién los mató?

¿Quién interrumpió sus sueños?, eso no era justo, no (¿quién los mató?)

Eran universitarios los de Samaniego

Acabaron con sus vidas y con sus sueños (¿quién los mató?)

Oi-e-ie-ie-oi (¿quién los mató?)

No hay propuestas, ni protesta, nadie sale
La indiferencia social mata a líderes sociales
(¿quién los mató?)

Pido justicia (¿quién los mató?)

O ie Quien los mató (¿quién los mató?)

Las masacres en el Urabá

Por esos crímenes atroces atroces ¿quién va a pagar? (¿quién los mató?)

Quedaron madres solas, padres solos
Y hermanos también (¿quién los mató?)
El miedo acorrala
El llanto de una madre hace más eco que una bala (¿quién los mató?)
No mas farsas ni fachas
No se olvida el dolor de las madres de Soacha (¿quién los mató?)
Hasta cuando esta guerra que cobra vidas inocentes

Madre
No llegaré a la hora de la cena
Aparecí en un lugar
Que no era mi hogar
Me duele estar tan lejos
Oigo me están llamando

Madre
No llegaré a la hora de la cena
Aparecí en un lugar
Que no era mi hogar
Dicen que ven mi cuerpo
Oigo me están llorando

Madre
¿Te acuerdas que te hablé de las estrellas?
Hoy ellas están aquí
Hay muchas otras junto a mí
Y todas van volando
Se van surcando en lo alto

5.4 NO AZARA

La Muchacha

<https://youtu.be/j4Wt3MJrplk>

A mí no me azara su pistola
Yo también tengo hambre de matar
Pero a mí esos fierros no me gustan
Yo saco las uñas pa' pelear

Y a mí que me disparen de frente
Y que sea en la puerta de mi casa
Porque yo me muero en tierra mía
Y a mí de esta tierra no me sacan

Y a mí que me disparen de frente
Y que sea en la puerta de mi casa
Porque yo me muero en tierra mía
Y a mí de esta tierra no me sacan

A mí no me calla su sevicia
Ni sus máscaras de la maldad
Porque vengo con combo azaroso
Que no come de su autoridad

Y le hacemos fuerza a la semilla
Porque usted la trata de ilegal
Tenemos el power de la minga
Power y junta pa' alimentar

Y le hacemos fuerza a la semilla
Porque usted la trata de ilegal
Tenemos el power de la minga
Power y junta pa' alimentar

Y a mí que me disparen de frente
Y que sea en la puerta de mi casa
Porque yo me muero en tierra mía
Y a mí de esta tierra no me sacan

Sapoperra está la cosa
Porque la tristeza es mucha
Altos que son los dolores
Cuando matan a quien lucha

Y a mí que no me coja la muerte
Ni siquiera en la puerta e' mi casa
Porque en esta tierra que es tan mía
No tengo que chuparme las balas

Y a mí que no me coja la muerte
Ni siquiera en la puerta e' mi casa
Porque en esta tierra que es tan mía
No tengo que chuparme sus balas

Porque en esta tierra que es tan mía
No tengo que chuparme las balas
Porque en esta tierra que es tan mía
No tengo que chuparme las balas

5.5 DE DONDE VENGO YO

Composición_Compositores: Carlos Yahanny Valencia Ortiz / Gloria Emilse Martinez Perea / Miguel Martinez
<https://www.youtube.com/watch?v=yMS4J6Gp6e>

De donde vengo yo
La cosa no es fácil pero siempre igual
sobrevivimos

Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
nuestra nos salimos
Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
mucho mejor

Vengo yo / Tenemos la lluvia el frío el calor

De la zona de los rapi mami papi
Tenemos problemas pero andamos happy
Comparsa también bailamos salsa
Y bajamos el río en balsa
El calor se siente eeh
Y no hay problema pa'

tomase su botella de aguardiente
Hace días que soliaos te la pasas enguayabado

Todo el mundo toma whisky aja
Todo el mundo anda en moto aja
Todo el mundo tiene carro aja
Menos nosotros aja
Todo el mundo come pollo aja
Todo el mundo está embambado aja
Todo mundo quiere irse de aquí
Pero ninguno lo ha logrado

De donde vengo yo
la cosa no es fácil pero siempre igual
sobrevivimos

Vengo yo/ De tanto luchar siempre con la
nuestra nos salimos

Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
mucho mejor

Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor

De donde vengo yo
Si mi señor
Se baila en verbena con gorra y con sol
Con raros peinados o con extensión
Critíquenme a mí o lo critico yo
Si tomo cerveza no tengo el botín
Y si tomo whisky hay chaglo y blin blin
Y si tengo oro en el cuello colgado
Hay ia iay es porque estoy montado

Todo el mundo toma whisky aja
Todo el mundo anda en moto aja
Todo el mundo tiene carro aja
Menos nosotros aja
Todo el mundo come pollo aja
Todo el mundo está embambado aja
Todo mundo quiere irse de aquí
Pero ninguno lo ha logrado

De donde vengo yo
La cosa no es fácil pero siempre igual
sobrevivimos

Vengo yo
De tanto luchar siempre con la nuestra nos
salimos

Vengo yo
Y aquí se habla mal pero todo está mucho mejor
Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor

Acá tomamos agua de coco
Lavamos moto
Todo el que no quiere andar en rapi moto
Carretera destapada pa' viajar
No plata pa' comer hey pero si pa' chupar

Característica general alegría total
Invisibilidad nacional e internacional
Auto-discriminación sin razón
Racismo inminente mucha corrupción
Monte culebra
Máquina de guerra
Desplazamientos por intereses en la tierra
Su tienda de pescado
Agua por todo lado
Se represa
Que ni el discovery ha explotado

Hay minas llenas de oro y platino
Reyes en la biodiversidad
Bochinche entre todos los vecinos
Y en deporte ni hablar

De donde vengo yo
Ya cosa no es fácil pero siempre igual
sobrevivimos

Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
nuestra nos salimos

Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
mucho mejor

Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor

Chaio condoto istmita aja
La quinta San Pedro yes quita el disfraz

Chaio condoto istmita aja
La quinta San Pedro yesquita el disfraz

De donde vengo yo
Ya cosa no es fácil pero siempre igual
sobrevivimos

Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
nuestra nos salimos

Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
mucho mejor

Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor

De donde vengo yo
La cosa no es fácil pero siempre igual
sobrevivimos

Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
nuestra nos salimos

Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
mucho mejor

Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor

De la zona de los rapi mami papi
Tenemos problemas pero andamos happy
Comparsa también bailamos salsa
Y bajamos el rio en balsa
El calor se siente eeh

Y no hay problema pa' tomase su botella de aguardiente
 Hace días que soliaos te la pasas enguayabado
 Todo el mundo toma whisky aja
 Todo el mundo anda en moto aja
 Todo el mundo tiene carro aja
 Menos nosotros aja
 Todo el mundo come pollo aja
 Todo el mundo está embambado aja
 Todo mundo quiere irse de aquí
 Pero ninguno lo ha logrado

De donde vengo yo
 la cosa no es fácil pero siempre igual
 sobrevivimos
 Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
 nuestra nos salimos
 Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
 mucho mejor
 Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor
 De donde vengo yo
 Si mi señor
 Se baila en verbena con gorra y con sol
 Con raros peinados o con extensión
 Critíquenme a mí o lo critico yo
 Si tomo cerveza no tengo el botín
 Y si tomo whisky hay chaglo y blin blin
 Y si tengo oro en el cuello colgado
 Hay ia iay es porque estoy montado

Todo el mundo toma whisky aja
 Todo el mundo anda en moto aja
 Todo el mundo tiene carro aja
 Menos nosotros aja
 Todo el mundo come pollo aja
 Todo el mundo está embambado aja
 Todo mundo quiere irse de aquí
 Pero ninguno lo ha logrado

De donde vengo yo
 La cosa no es fácil pero siempre igual
 sobrevivimos
 Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
 nuestra nos salimos
 Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
 mucho mejor
 Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor
 Acá tomamos agua de coco
 Lavamos moto
 Todo el que no quiere andar en rapi moto
 Carretera destapada pa' viajar
 No plata pa' comer hey pero si pa' chupar

Característica general alegría total
 Invisibilidad nacional e internacional
 Auto-discriminación sin razón
 Racismo inminente mucha corrupción
 Monte culebra
 Máquina de guerra
 Desplazamientos por intereses en la tierra
 Su tienda de pescado
 Agua por todo lado
 Se represa
 Que ni el discovery ha explotado

Hay minas llenas de oro y platino
 Reyes en la biodiversidad
 Bochinche entre todos los vecinos
 Y en deporte ni hablar

De donde vengo yo
 Ya cosa no es fácil pero siempre igual
 sobrevivimos
 Vengo yo/ De tanto luchar siempre con la
 nuestra nos salimos
 Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
 mucho mejor
 Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor
 Chaio condoto istmita aja
 La quinta San Pedro yesquita el disfraz

Chaio condoto istmita aja
 La quinta San Pedro yesquita el disfraz

De donde vengo yo
 Ya cosa no es fácil pero siempre igual
 sobrevivimos
 Vengo yo / De tanto luchar siempre con la
 nuestra nos salimos
 Vengo yo / Y aquí se habla mal pero todo está
 mucho mejor
 Vengo yo / Tenemos la lluvia el frio el calor

5.6 PONTE EN MI LUGAR

Espinoza Paz

<https://www.youtube.com/watch?v=NkgfG8uPQs0>

Ponte en mi lugar mas de una vez
 Y vas a entender por que mi comportamiento
 Ponte en mi lugar mas de una vez
 Y vas a entender por que mi comportamiento
 Si lo que haces tu lo hiciera yo
 Me hubieras dejado hace mucho tiempo
 Quieres que te entienda
 Y yo no quiero entender

Lo que tu no entenderías
Si te fuera infiel

Si te pusieras de este lado
Admirarías mi paciencia
Y todo lo que te he soportado

Si te pusieras de este lado
Serías un poco más consciente
Y no me habrías herido tanto

Ponte en mis zapatos
Y vas a entender
Que no te dejo por que te amo
Aunque no te portes bien

Oh, oh, oh, oh
Si te pusieras de este lado
Admirarías mi paciencia
Y todo lo que te he soportado

Si te pusieras de este lado
Serías un poco más consciente
Y no me habrías herido tanto

Ponte en mis zapatos
Y vas a entender
Que no te dejo por que te amo
Aunque no te portes bien
Aunque no te portes bien

POESIAS

5.A. MI BANDERA

Composición: Bonifacio Byrne (escrita en el siglo XIX)

https://www.youtube.com/watch?v=0IR5_xWw5Nc

Al volver de distante ribera,
con el alma enlutada y sombría,
afanoso busqué mi bandera
¡y otra he visto, además de la mía!

¿Dónde está mi bandera cubana,
la bandera más bella que existe?
¡Desde el buque la vi esta mañana,
y no he visto una cosa más triste...!

Con la fe de las almas austeras,
hoy sostengo con honda energía,
que no deben flotar dos banderas
donde basta con una: ¡la mía!

En los campos que hoy son un osario
vio a los bravos batiéndose juntos,
y ella ha sido el honroso sudario
de los pobres guerreros difuntos.

Orgullosa lució en la pelea,
sin pueril y romántico alarde;
¡al cubano que en ella no crea
se le debe azotar por cobarde!

En el fondo de oscuras prisiones
no escuchó ni la queja más leve,
y sus huellas en otras regiones
son letreros de luz en la nieve...

¿No la veis? Mi bandera es aquella
que no ha sido jamás mercenaria,
y en la cual resplandece una estrella,
con más luz, cuando más solitaria.

Del destierro en el alma la traje
entre tantos recuerdos dispersos,
y he sabido rendirle homenaje
al hacerla flotar en mis versos.

Aunque lánguida y triste tremola,
mi ambición es que el Sol, con su lumbre,
la ilumine a ella sola, ja ella sola!,
en el llano, en el mar y en la cumbre.

Si deshecha en menudos pedazos
llega a ser mi bandera algún día...
¡nuestros muertos, alzando los brazos,
la sabrán defender todavía!

5.B. TENGO

Composición: Nicolás Guillén (1970)

<https://www.youtube.com/watch?v=D3UJc20AmJU>

Cuando me veo y toco
yo, Juan sin Nada no más ayer,
y hoy Juan con Todo,
y hoy con todo,
vuelvo los ojos, miro,
me veo y toco
y me pregunto cómo ha podido ser.

Tengo, vamos a ver,
tengo el gusto de andar por mi país,
dueño de cuanto hay en él,
mirando bien de cerca lo que antes
no tuve ni podía tener.

Zafra puede decir,
monte puedo decir,
ciudad puedo decir,
ejército decir,
ya míos para siempre y tuyos, nuestros,
y un ancho resplandor
de rayo, estrella, flo

6. CUBA

6.1 LLEGÓ EL COMANDANTE

Composición: Carlos Puebla Concha

<https://www.youtube.com/watch?v=4TNWbIEZJAY>

Aquí pensaban seguir
Ganando el ciento por ciento
Con casas de apartamentos
Y echar al pueblo a sufrir
Y seguir de modo cruel
Contra el pueblo conspirando
Para seguirlo explotando
Y en eso llegó Fidel

Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar
Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar

Aquí pensaban seguir
Tragando y tragando tierra
Sin sospechar que en la sierra
Se alumbraba el porvenir
Y seguir de modo cruel
La costumbre del delito
Hacer de Cuba un garito
Y en eso llegó Fidel

Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar
Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar

Aquí pensaban seguir
Diciendo que los cuatreros
Forajidos bandoleros
Asolaban al país
Y seguir de modo cruel
Con la infamia por escudo
Difamando a los barbudos
Y en eso llegó Fidel
Se acabó la diversión

Llegó el comandante
Y mandó a parar
Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar

Aquí pensaban seguir
Jugando a la democracia
Y el pueblo que en su desgracia
Se acabara de morir
Y seguir de modo cruel
Sin cuidarse ni la forma
Con el robo como norma
Y en eso llegó Fidel

Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar
Se acabó la diversión
Llegó el comandante
Y mandó a parar

6.2 CUBA QUÉ LINDA ES CUBA

Composición: Eduardo Saborit

https://www.youtube.com/watch?v=6EYHx4vNY_Q

Oye, tu que dices que mi tierra no es tan linda,
Oye, tu que dices que el nuestro no es tan
hermoso,
le invitamos al que busca en el mundo entero,
para encontrar un cielo tan azul como el mio;
Una luna tan brillante como eso,
que se pierde en la dulcura de la caña,
como Fidel que brilla en de las montañas,
con el rubí, cinco rayas, y una estrella.
¡Cuba, que Linda es Cuba!

Quien la conoce la quiere más.

Que linda es Cuba!
¡Cuba, que Linda es Cuba!
Ahora que es libre, la quiero más.
¡Cuba, que Linda es Cuba!
¡Ahora sin los yanquis, la quiero más!

Donde las palmas no son palmeras,
iiiison milicianas y son banderas!!!!
como Fidel que brilla en de las montañas,
con el rubí, cinco rayas, y una estrella.
¡Cuba, que Linda es Cuba!

Quien la conoce la quiere más.

¡Que linda es Cuba!
¡Cuba, que Linda es Cuba!
Ahora que es libre, la quiero más.
¡Cuba, que Linda es Cuba!
¡Ahora sin los yanquis, la quiero más!

6.3 EL NECIO

Composición: Silvio Rodríguez

<https://www.youtube.com/watch?v=bGQWU4UsUeA>

Para no hacer de mi ícono pedazos
Para salvarme entre únicos e impares
Para cederme lugar en su parnaso
Para darme un rinconcito en sus altares

Me vienen a convidar a arrepentirme
Me vienen a convidar a que no pierda
Me vienen a convidar a indefinirme
Me vienen a convidar a tanta mierda

Yo no sé lo que es el destino
Caminando fui lo que fui
Allá Dios que será divino
Yo me muero como viví
Yo me muero como viví
Yo me muero como viví

Yo quiero seguir jugando a lo perdido
Yo quiero ser a la zurda más que diestro
Yo quiero hacer un congreso del unido
Yo quiero rezar a fondo un "hijo nuestro"

Dirán que paso de moda la locura
Dirán que la gente es mala y no merece
Mas, yo partiré soñando travesuras
Acaso multiplicar panes y peces

Yo no sé lo que es el destino
Caminando fui lo que fui
Allá Dios, que será divino
Yo me muero como viví
Yo me muero como viví
Yo me muero como viví

Yo me muero como viví, como viví
Yo me muero como viví, como viví
Yo me muero como viví

Dicen que me arrastraran por sobre rocas
Cuando la revolución se venga abajo
Que machacarán mis manos y mi boca
Que me arrancarán los ojos y el badajo

Será que la necedad parió conmigo
La necedad de lo que hoy resulta necio
La necedad de asumir al enemigo
La necedad de vivir sin tener precio

Yo no sé lo que es el destino
Caminando fui lo que fui
Allá Dios que será divino
Yo me muero como viví

6.4 COMO LOS PECES

Composición: Carlos Varela

<https://www.youtube.com/watch?v=W08j2yhP2bM>

Las iglesias hablan de la salvación
Why la gente reza why pide cosas en silencio
Como los peces
Why en la cara de Jesús hay una lágrima
rodando
Lágrimas negras.

Why los padres ya no quieren hablar de la
situación,
Sobreviven prisioneros why acostumbran a
callar
Como los peces
Why en la cara de sus hijos hay una lágrima
rodando
Lágrimas negras.

"Aunque tú me has echado en el abandono
Aunque ya han muerto todas mis ilusiones,
Lloro sin que sepas que este llanto mío
Tiene lágrimas negras"
Lágrimas."

Las noticias hablan de resignación
Why la gente traga why se miran a los ojos
Como los peces
Why en la cara de la virgen hay una lágrima
rodando
Lágrimas negras.

Los muchachos hablan de desilusión
Why en silencio van al mar why se largan
Como los peces
Why en la cara de una madre hay una lágrima
Lágrimas negras.

"Aunque tú me has echado en el abandono
Aunque ya han muerto todas mis ilusiones,
Lloro sin que sepas que este llanto mío
Tiene lágrimas negras
Lágrimas."

Las iglesias hablan de la salvación
Why la gente reza why pide cosas en silencio
Como los peces
Why en la cara de Jesús hay una lágrima
rodando
Lágrimas negras.

6.5 LA MAZA

Composición: Silvio Rodriguez

<https://www.youtube.com/watch?v=ZmljOvbevsA>

Si no creyera en la locura
De la garganta del sinsonte
Si no creyera que en el monte
Se esconde el trino y la pavura
Si no creyera en la balanza
En la razón del equilibrio
Si no creyera en el delirio
Si no creyera en la esperanza
Si no creyera en lo que agencio
Si no creyera en mi camino
Si no creyera en mi sonido
Si no creyera en mi silencio
¿Qué cosa fuera?
¿Qué cosa fuera la maza sin cantera?
Un amasijo hecho de cuerdas y tendones
Un revoltijo de carne con madera
Un instrumento sin mejores pretenciones
De lucecitas montadas para escena
¿Qué cosa fuera, corazón, qué cosa fuera?
¿Qué cosa fuera la maza sin cantera?
Un testaferro del traidor de los aplausos
Un servidor de pasado en copa nueva
Un eternizador de dioses del ocaso
Júbilo hervido con trapo y lentejuela
¿Qué cosa fuera, corazón, qué cosa fuera?
¿Qué cosa fuera la maza sin cantera?
Si no creyera en lo más duro
Si no creyera en el deseo
Si no creyera en lo que creo
Si no creyera en algo puro
Si no creyera en cada herida
Si no creyera en la que ronde
Si no creyera en lo que esconde
Hacerse hermano de la vida
Si no creyera en quien me escucha
Si no creyera en lo que duele
Si no creyera en lo que quede
Si no creyera en lo que lucha
¿Qué cosa fuera?
¿Qué cosa fuera la maza sin cantera?
Un amasijo hecho de cuerdas y tendones
Un revoltijo de carne con madera
Un instrumento sin mejores pretenciones
De lucecitas montadas para escena
¿Qué cosa fuera, corazón, qué cosa fuera?
¿Qué cosa fuera la maza sin cantera?
Un testaferro del traidor de los aplausos
Un servidor de pasado en copa nueva

Un eternizador de dioses del ocaso
Júbilo hervido con trapo y lentejuela
¿Qué cosa fuera, corazón, qué cosa fuera?
¿Qué cosa fuera la maza sin cantera?

6.6 LAURELES Y OLIVOS

Composición: Raul Torres

Laureles y olivo que han reverdecido
gracias a tu aliento de sabio hacedor
Te extrañan un día y al otro te echan de menos
Yo noto que faltan tus letras tus gestos
En plazas escuelas y en rostros
Halcón navegante del todo
Que has volado para nosotros
Enséñanos ese misterio
Para hacer con luz un país
Como es tu tesoro /De Humano y amigo
Que ningún disparo ha podido contigo
Como ser oasis en desiertos perdidos
En un mundo tirando a gris
A un año de ausencia “mi viejo”
tu llama en el pecho es tan fuerte
que creo que soy una suerte de voz
con clara directriz.
Veré cómo crecen tus nietos,
les contaré tus historias, tus retos.
Pero me resulta difícil
contarles sin tu imagen tan pura
esculpida por manos, ternura,
en los parques al lado de Martí.
Contarles cómo el zambrán ceña los sueños
Cómo tu gorra es un astro del cielo.
Y Cómo tus manos hablaban por ti
Y al cabo pienso que fue mejor luego
Tu voluntad de dejarle al silencio, espacio y
tiempo
Porque imaginemos
Y así aprender de tus cosas afín
El modo en que un hombre se marcha y se
queda
La forma en que la humanidad te hereda
De aquella manera en que el sol nos calienta
Si hacemos lo que tu espíritu alienta
Solo así poder decir que te merecemos al fin
Laureles y olivos que han reverdecido
Cubriendo ese rombo que nos libertó
Demuestran que no eres un ser del olvido
que el futuro siempre estará agradecido
De tus firmes pasos padre hermano amigo
Aunque pase el tiempo, jamás te diremos
adiós...

6.7 VALIENTES

Composición: Buena Fe

<https://www.youtube.com/watch?v=lmIkB2B6tcg>

Antes que todo fueran himnos y vítores
Antes que todo sea negociaciones
Hay un preludio espeso, desafinado
Altísimos silencios de sinrazones

Y el miedo va goteando de los valientes
Antes que los sudores y que la sangre
El instinto genuino que ya le advierte
Permutar de destino, se le hizo tarde.

Qué estoy haciendo aquí
Amando a este país como a mí mismo
No, que va
No hay heroísmo
Vine a darle un beso al mundo y nada más

Pandemonium, capital de los infiernos
Solo por los temores se filtra el alma
Restos de quien al instante deshicieron
Niños que, tras el hambre, se irán con calma

Viejos jinetes del horror que han aprendido
Con la distancia, anesteciarnos los discensos
Con sensación de no es aquí, no es a mí
No son los míos

Cabalgan sobre nuestro tedio
Después será no es mi ciudad
Luego será no son mis hijos
Somos la misma humanidad
Todos frente al mismo acertijo

Pero qué estoy haciendo aquí
Amando a este país como a mí mismo
No, que va
No hay heroísmo
Vine a darle un beso al mundo y nada más

Pero qué estoy haciendo aquí
Amando a este país como a mí mismo
No, no hay heroísmo
Vine a darle un beso al mundo
Y nada más / Y nada más

6.8 YO SOY EL PUNTO CUBANO

Composición: David Blanco lyrics

<https://www.youtube.com/watch?v=UcKkv-GtMsM>

Yo soy el punto cubano
Que en la manigua vivía
Cuando el mabí se batía

con el machete en la mano,
Con el machete en la mano

Tengo un poder soberano
Que me lo dio la sabana
De cantarle a la mañana
Brindándole mí saludo
A la palma, al escudo
y a mi bandera cubana,
y a mi bandera cubana

Por eso canto a las flores
y a la mañana que inspira
Le canto a Cuba querida,
la tierra de mis amores
La tierra de mis amores

Soy la linda melodía,
en el campestre retiro
Siempre le llevo al guajiro
la esperanza y la alegría,
La esperanza y la alegría

En noches de romerías
inspiró a los trovadores
Cantantes y bailadores
gozando del zapateo
Y se olvidan de Morfeo
para tributarme honores
Para tributarme honores

Por eso canto a las flores
y a la mañana que inspira
Le canto a Cuba querida,
la tierra de mis amores
La tierra de mis amores

6.9 CUBA VA

Composición: Noel Nicola / Silvio Rodríguez

<https://www.youtube.com/watch?v=hfGzucqJJQ>

Del amor estamos hablando
Por amor, estamos haciendo
Por amor se está hasta matando
Para por amor seguir trabajando
Que nadie interrumpa el ritmo
Queremos amar en paz
Para decir en un grito
Cuba va / Cuba va / Cuba va.....

Quiero abrir mi voz al mundo
Que llegue al último confín
De Norte a Sur

Y de Este a Oeste
 Y que cualquier hombre pueda
 Gritar sus propias esperanzas
 Sus heridas y su lucha
 Cuando diga
 Cuba va..
 Puede que algún machete
 Se enrede en la maleza
 Puede que algunas noches
 Las estrellas no quieran salir
 Puede con los claxons
 Haya que abrir la selva
 Pero a pesar de los pesares
 Como sea Cuba va, Cuba va
 Cuba va
 Cuba va
 Cuba va...

POESÍA

6.A. VERSOS SENCILLOS DE JOSÉ MARTÍ

José Julián Martí Pérez

Odio la máscara y vicio
 Del corredor de mi hotel:
 Me vuelvo al manso bullicio
 De mi monte de laurel.

Con los pobres de la tierra
 Quiero yo mi suerte echar:
 El arroyo de la sierra
 Me complace más que el mar.

Denle al vano el oro tierno
 Que arde y brilla en el crisol:
 A mí denme el bosque eterno
 Cuando rompe en él el Sol.

Yo he visto el oro hecho tierra
 Barbillendo en la redoma:
 Prefiero estar en la sierra
 Cuando vuela una paloma.

Busca el obispo de España
 Pilares para su altar;
 ¡En mi templo, en la montaña,
 El álamo es el pilar!

Y la alfombra es puro helecho,
 Y los muros abedul,
 Y la luz viene del techo,
 Del techo de cielo azul.

El obispo, por la noche,
 Sale, despacio, a cantar:
 Monta, callado, en su coche,
 Que es la piña de un pinar.

Las jacas de su carroza
 Son dos pájaros azules:
 Y canta el aire y retoza,
 Y cantan los abedules.

Duermo en mi cama de roca
 Mi sueño dulce y profundo:
 Roza una abeja mi boca
 Y crece en mi cuerpo el mundo.

Brillan las grandes molduras
 Al fuego de la mañana
 Que tiñe las colgaduras
 De rosa, violeta y grana.

El clarín, solo en el monte,
 Canta al primer arrebol:
 La gasa del horizonte
 Prende, de un aliento, el Sol.

¡Díganle al obispo ciego,
 Al viejo obispo de España
 Que venga, que venga luego,
 A mi templo, a la montaña!



Desenho: Anderson Augusto Pereira

7. ECUADOR

7.1 PALABRAS FRONTALES

Composición: Jaime Guevara

<https://www.youtube.com/watch?v=abh0llcd-Qw>

Busco hallar unas palabras
Mas que groseras, frontales
Con sílabas como balas
Y con letras de puñales

Porque tenemos motivos, consonantes y vocales
Para decir vino al vino
Y a esos gobernante gringos
Simplemente criminales

Violaron a nicaragua
Y a muchas más flores antes
Y a colombia nuestra hermana
Hoy pretenden ultrajarle

Porque razón debería
Yo en mi boca respetarles
Y tornar su porquería
En olores agradables

Si llego a estar en el caso
De un suelo al que ellos invaden
Si llego a verme rodeado
Por sus cañones infames

Con las palabras en ristre
Y los demás arsenales
Me gustaría decirles
Vengan nomás

7.2 LOS BURGUESES

Composición: Eladia Blázquez

<https://www.youtube.com/watch?v=T18ymPicE2Q>

No me dan pena los burgueses
Vencidos. y cuando pienso que van a darme pena,
Aprieto bien los dientes y cierro bien los ojos.
Pienso en mis largos días sin zapatos, ni rosas.
Pienso en mis largos días sin sombrero, ni nubes.
Pienso en mis largos días sin camisa, ni sueños.
Pienso en mis largos días con mi piel prohibida.
Pienso en mis largos días.

-no pase por favor. esto es un club.
-la nómina está llena.
-no hay pieza en el hotel.
-el señor ha salido.
-se busca una muchacha.
-fraude en las elecciones.
-gran baile para ciegos.
-cayó el premio mayor en santa clara.

-tómbola para huérfanos.
-el caballero está en parís.
-la señora marquesa no recibe.

En fin, que todo lo recuerdo.
Y como todo lo recuerdo,
¿qué carajo me pide usted que haga?
Pero además, pregúntele.
Estoy seguro
De que también recuerdan ellos.

7.3 APRESADOR APRESADO

Composición: Jaime Guevara

<https://www.youtube.com/watch?v=WF2u4Tj3Ihw>

Yo creí que disparaban
sus fusiles en mi honor
y resulta que me agarran
por mañoso y opresor.
¿Y ahura y ahura
como me escapo de Taura?
Aya yayay
Se me caen los calzones
y los humos de matón
Al barrer con mis bigotes
todo el campo de aviación
¿Y ahura y ahura
como me escapo de Taura?
Aya yayay
Pobre Rambo
Pobre Rambo derrumbado
Pobre Rocky
Pobre Rocky derrocado
Pobre cobra descobrado
Pobre cowboy frustrado
¡Apresador apresado!
Es verdad que yo he rezado
Solo en foto electoral
Pero un zambo colorado
Hasta me hizo arrodillar
¿Y ahura y ahura
como me escapo de Taura?
Aya yayay
Con el rabo entre las piernas
Les firmé mi rendición
Pero atrás de mis promesas
Ya tramaba mas traición
¿Y ahura y ahura
como me escapo de Taura?
Aya yayay

7.4 DE LA LUCHA

Composición: Alfredo Zitarrosa

<https://www.youtube.com/watch?v=XtTlYX64P-8>.

No rempuje compañero,
'Jue pucha ni que anduviera
Con dolor en la bastera
Juyendo del entrevero.

Más despacito, aparcero,
Que hay piedras en el camino,
¡pucha pueblero ladino!
Cuando menos se afigura
Que pretendo alguna achura
De las que le han oferta'o.

Deme por elimina'o
Del montón de pretendientes
Que se han afila'o los dientes
Pa' prendérsele al asa'o.

Yo no preciso aboga'o
Ni migas del presupuesto,
Porque no ando del cabresto
De ningún alto manate,
A mí no me ceba el mate
Ningún negrito mima'o.

El que es ternero y no bala
Anda asusta'o y en cuclillas,
Pa' él no son las amarillas
De las burras del esta'o,

Pa' él es el duro reca'o
Y el Réminton y la lanza
Y la bala que lo alcanza
Pa' que algunos como usté'
Venga a contarle después,
Historias de degolla'os.

Pero yo soy más porfia'o
Que gallo comiendo tripa,
Cuando el trabuco se engripa
Lo mesmo sigue carga'o.

Más despacito, cuña'o,
Pa' qué quiero yo ese hueso,
Puede ir repartiendo el queso
Con otros que se lo coman,
Yo en el bajo y en la loma,
Siempre anduve bien monta'o.

POESÍA

7.A. CARÁCTER NOBLE

Composición: Charijayac

<https://youtu.be/kr4q9zs59Zs>

Siempre son los mismos dirigiendo el país,
un cambio de aires florecerá el jardín,
si quieres que los sueños se hagan realidad:
despierta y únete a la solución.

Siembra, canta donde estás,
Movimiento Indígena por la dignidad,
el pueblo que lucha contra la corrupción,
cuido el patrimonio que me ha dejado el sol.

Si no nos escuchan,
porque tenemos razón,
se paraliza el país.
Y nos vamos todos juntos.
¡Que los niños sonrían!

Siempre son los mismos dirigiendo el país,
un cambio de aires florecerá el jardín,
si quieres que los sueños se hagan realidad:
despierta y únete a la solución.

Siembra, canta donde estás,
Movimiento Indígena por la dignidad,
el pueblo que lucha contra la corrupción,
cuido el patrimonio que me ha dejado el sol.

Ilumina el alma del rojo, del blanco,
del negro y del amarillo.
Y nos vamos,
con la conciencia tranquila.

7.B SOLIDARIDAD

Composición: Monseñor Leonidas Proaño

<https://www.feadulta.com/es/cantos-accion-de-gracias/216-solidaridad-monsenor->

Mantener siempre atentos los oídos
al grito del dolor de los demás
y escuchar su llamada de socorro
es solidaridad (3)

Mantener la mirada siempre alerta
y los ojos tendidos sobre el mar,
en busca de algún naufrago en peligro
es solidaridad (3)

Sentir como algo propio el sufrimiento
del hermano de aquí y del de allá,
hacer propia la angustia de los pobres
es solidaridad (3)

Llegar a ser la voz de los humildes,
descubrir la injusticia y la maldad,
denunciar al injusto y al malvado
es solidaridad (3)

Convertirse uno mismo en mensajero
del abrazo sincero y fraternal
que unos pueblos envían a otros pueblos
es solidaridad (3)

Compartir los peligros
en la lucha por vivir en justicia
y libertad arriesgando en amor
hasta la vida
es solidaridad (3)

Entregar por amor hasta la vida
es la prueba mayor de la amistad
es vivir y morir por Jesucristo
es solidaridad (3)

VIOLENCIA

Resistencia Suburbana

Un disparo se oyó y un hermano que cayó
A pesar de su inocencia
El hambre y la miseria distorsionan la conciencia
Sembrando más violencia en todo el planeta
tierra

La tecnología avanza creando más desocupación
Creando más pobres cada día y por lo tanto
Incrementando la desesperación

Hermano contra hermano
se levantan y se matan
Mientras los ministros de la muerte
cuentan plata

Y siembran violencia
Violencia sin conciencia
Y siembran violencia
Violencia sin conciencia

Un hermano israelí y un hermano palestino
Se pelean por la tierra
Un hermano peruano y un hermano ecuatoriano
Se pelean por la tierra

Y usan armas vendidas
por los que hablan de la paz
Y trabajan para la guerra
Y usan armas vendidas

por los que hablan de la paz
Y trabajan para la guerra

Y siembran violencia
Violencia sin conciencia
Y siembran violencia
Violencia sin conciencia

Piquete y resistencia de la gente de abajo
Cubriendo sus rostros con pañuelos
enfrentando al sistema
Piquete y resistencia de la gente de abajo
Cubriendo sus rostros con pañuelos
enfrentando al sistema

Del lado del sistema balas, gas y tanquetas
Del lado del pueblo, palos, hambre y piedras
En un país sin justicia es peligroso tener razón
Los gobernantes son insensibles y llevan una
piedra en lugar de un corazón

Y siembran violencia
Violencia sin conciencia
Y siembran violencia
Violencia sin conciencia

Piquete y resistencia de la gente de abajo
Cubriendo sus rostros con pañuelos
enfrentando al sistema
Piquete y resistencia de la gente de abajo
Cubriendo sus rostros con pañuelos
enfrentando al sistema

Del lado del sistema balas, gas y tanquetas
Del lado del pueblo, palos, hambre y piedras

Y siembran violencia
Violencia sin conciencia
Y siembran violencia
Violencia sin conciencia



Pintura: Anderson Augusto Pereira

8. HONDURAS

8.1 TODAS LAS LUCHAS

Composición: Café Guancasco

https://www.youtube.com/watch?v=W_JnHzpVjHw

Todas las luchas empiezan en el corazón
Pero la nuestra no se trata de emoción
Tiene raíces sembradas en el dolor
De los que callan porque el miedo les robo la voz.

Todas las horas se cuentan con un reloj
Pero el nuestro en cangrejo se volvió
Del retroceso el muy tonto se envicio
Pasa y no encuentra el tic tac que ayer se le perdió.

Me cuentan que el sol hoy no sale pues le aterra
Que del norte van para el sur gritos de guerra
El rubio país de las barras, las estrellas
Tiene miedo que se le acabe su cosecha de
Políticos vendidos, malnacidos
Corruptos, ladrones, cobardes
Matones, disidentes
Igual que unos presidentes
Mas jodidos que el joder.

Todos los sueños nos pueden hacer volar
Pero la tierra es donde la necesidad
Hace que un hombre se arrodille ante un altar
Con la esperanza que le caiga un pedazo de pan
Ellos se creen que el grito popular
Ya lo callaron, nunca más va a regresar

Esperen sentados que muy pronto van a ver
Cuando ante el pobre se tengan que arrodillar
A pedir perdón, suplicar perdón
Me cuentan que el sol hoy salió mas luminosos
Me dicen que el mar rugió casi indomable

Porqué allá en el sur se le enseña al poderoso
Que la libertad no es necesidad de pocos
Es un: Derecho inalienable, insustituible
Inquebrantable, inagotable
Muchos menos es endeble, arredanble
Estrujable, comprable, pagable, inalienable dije
Mucho menos es vendible
Hoy se canta aquí por la libertad
Hoy se canta aquí para América
En la tierra de Francisco Morazán
Desde aquí se le canta a la paz

8.2 EL BUSERO

Composición: Café Guancasco

<https://www.youtube.com/watch?v=wfbwrMQQf4k>

5:30 en la mañana, me levanto de la cama
Voy con un gomón de miedo
y con un fuego en la garganta
7:0 ¡vamos sueltos! Una dosis de alimento
Una coca, una semita y un royal
Ay mami, córrase pa'l medio
Bajan bajan, suben suben
Ese compa, ay, se me fue sin pagar
Está vacío, súbale / Y traiga suelto por favor
En esa silla caben tres
Y son dos filas para dos
Súbale, Dippsa, Carrizal
Baje en Las Brisas o El Central
Y agárrese bien porque vamos a soplar
Ese man viene enrollado
Anda ponetele al lado
Que un pique a estas horas no está mal
Hay que darle un buen trasmoque
A ese chepo que en la noche
En contravía y bien a piña nos cogió
Está vacío, súbale / Y traiga suelto por favor
En esa silla caben tres
Y son dos filas para dos
Súbale, Dippsa, Carrizal
Baje en Las Brisas o El Central
Y agárrese bien porque vamos a soplar
Y ahora estoy bien reventado
No tengo ni para el octavo
Y por joder estoy fichado
Hasta la, ¡que va!, me ha dejado
Mejor me voy pa' la chante
Antes que rendirle cuentas
A la vida que me paso / A la vida que me paso
Que me paso dentro de un maldito bus
Está vacío, súbale
Y traiga suelto por favor
En esa silla caben tres
Y son dos filas para dos
Súbale, Dippsa, Carrizal
Baje en Las Brisas o El Central
Y agárrese bien porque vamos a soplar
Y agárrese bien porque vamos a soplar
¡Y agárrese bien porque vamos a soplar!
¡Apoyemos el arte hondureño!

8.3 PACHAMAMA

Composición: Café Guancasco

<https://www.youtube.com/watch?v=heGn88d-4rw>

Pachamama está triste oh no / Pachamama
Pachamama está triste oh no / Pachamama

Pachamama está triste
A ella le duele que nuestra gente camine sin
tocarla
Pachamama tierra / Pachamama vida
Nadie se vaya sin mí

Pacha para el sueño / Pacha pal dolor
Pacha pa' sentir los sonidos del mundo
Hay que descalzarnos para conectarnos
con todas las piedras y todas las
Raíces, hablando de sueños, hoy volé en aviones
de humo
Y le arranqué la piel a una nube del cielo

Pachamama está triste oh no / Pachamama
Pachamama está triste oh no /Pachamama

Pachamama está triste
A ella le duele que nuestra gente se saque el
corazón
Pachamama fuego /Pachamama viento
Nadie respire sin mí
Pacha para el miedo / Pacha pal silencio
Pacha pa sentir los lamentos del mundo

Hay que desnudarnos para conectarnos con todas
las almas y
toditos los
Cuerpos, hablando de miedos, hoy falté el
respeto de algunos
Y arrastré una canción hasta el fondo del pueblo.

Pachamama está triste oh no / Pachamama
Pachamama está triste oh no / Pachamama

Esto no se llama América, se llama Aby Ayala
La multitud de quienes caen del cielo
El sabor del corazón de la montaña
El pulmón izquierdo de la pachamama

Un continente de conciencia salvaje
21 historias levantando un fusil
Lo más al sur, lo más al fondo
Es Micaela, Juana y Bocanegra
La resistencia regresando al norte
Sangre chicana doblando al español
We are latinos, we're from the barrio

Somos Puerto Rico, Cuba, Haití, Dominicana
Guatemala, México, Colombia, Perú
Nicaragua, Bolivia, Paraguay, Costa Rica
Venezuela, Uruguay, Brasil, El Salvador,
Chile, Argentina, Panamá, Ecuador
Y Honduras está triste (3x)
¡Y Honduras será libre!

8.4 HONDURAS NO TE RINDAS

Composición: JKA

<https://www.youtube.com/watch?v=lUuNkQQ5hzw>

Hey yo, esta es Christafari y Rescate
Boomshots! / Dale lo que tengas
No te rindas! / Tomo riesgos, riegos tomare
Ser de impacto no me rendiré
No nos rendiremos, no nos rendiremos
No podemos vacilar
Mover la montaña sin parar
No nos rendiremos (2x)
CHAT: Boomshot!
Dale lo que tengas
Aprovecha esta oportunidad
Espera ellos dicen
Queremos que te rindas te lo piden
Pero somos campeones
Pisoteamos escorpiones
Ser sabio como la serpiente
Tierno como la ave ten esto en mente
No te rindas / No mires atrás
Somos guerreros / Pelea para Dios
CORO: No, no te rindas
Nunca jamás no, no mires atrás
No, no te rindas
Pelea la batalla con su fuerza
No, no te rindas
Nunca jamás no, no mires atrás
No, no te rindas
En esta batalla la fe crecerá
No te rindas!
Caliente, frío uno u otro
Te vomitara de su boca
Alguien te compro y otro te vendió
Pelea la batalla que te toca
Fuego violento que te quemará
La muerte segura por no adorar
No nos rendiremos (2x)
Un foso con leones esperan por vos
Pero seguro estarás del lado de Dios
No nos rendiremos (2x)

LOS POBRES

Composición: Roberto Sosa

<https://www.youtube.com/watch?v=oOJwN21ns-k>

Los pobres son muchos
y por eso es imposible olvidarlos.

Seguramente vem
en los amaneceres
múltiples edificios
donde ellos quisieran habitar con sus hijos.

Pueden llevar en hombros
el féretro de una estrella.
Pueden destruir el aire como aves furiosas,
nublar el sol.

Pero desconociendo sus tesoros
entran y salen por espejos de sangre;
caminan y mueren despacio.

Preferimos por lo tanto
abrazarnos a las olas
y señalar de frente a los asesinos.

No somos los hambrientos
que se rompen los dientes
con el pan duro de la filantropía,
ni los sedientos que se atragantan
con la empozada saliva de los discursos.

Hemos llevado las espigas
a las tierras donde todo alimento se multiplica
y donde sobran manos para esculpir la cosecha.
No llegamos hasta las cumbres
para caer de pronto
llenos del vértigo de los cobardes;
no somos quiénes, no.

A un paso del camino se yergue
el destino que nuestra propia sombra ha
señalado.

Como enjambre de nubes, llegamos al punto
donde todos los inviernos revientan
en un millón de pájaros insurrectos.

POESIAS

8.A LA MARCHA DE LOS CAÍDOS

Oscar Delgonet López

<https://poetassigloveintiuno.blogspot.com/2010/12/2565-oscar-deigonet-lopez-rosas.html>

De madrugada surgen niños de sueños azules.
Sus manos al cielo, quieren alcanzar
la justicia de los duendes.
Sus rostros, la máscara del reclamo,
sus cuerpos, olor a campesino,
olor a maestro, olor a patria.
Sus voces, son truenos de la exigencia
en plena calle de la vida
pájaros que cantan en todas partes,
lloran en todas partes.
Con sus gargantas de oro cuentan los gritos
y cuentan sus muertos.

8.B CONSIGNA DE LOS VENTOS

Composición: Fabricio Estrada

<http://www.cubapoiesia.cult.cu/2011/04/poesia-hondurena-en-resistencia/>

Nada en el mundo
pudo enseñarnos mejor
que la amarga intuición de la herida.

Así es como aprendimos
a saber de la justicia antes que de la ley,
del mar extendido
antes que del río manso que socava nuestras
casas.

8.C PRESENTACIÓN (2009)

Composición: Jessica Isla

<http://www.archivopdp.unam.mx/index.php/1555&Itemid=1>

Soy este cuerpo dibujado a golpes
Que camina día tras día bajo el sol,
bajo este cielo incierto de máquinas aladas,
en medio de ráfagas de humo y
el sonido de fusiles

Soy infinidad de rostros:
el de un chico asesinado,
el de la abuela que camina
el de la gente lenca armada de una paciencia
infinita

El de la pintora de mantas,
El de la chica de las muletas
Que se enfrentan de a pedazos o en conjunto
A las murallas verde olivo cargadas de violencia

Puedo decir que de mi cuerpo
salen muchos olores
El de la montuca fresca
El de la tortilla y los frijoles
El de manos sudadas y cuerpos cansados,

pero también el olor de sangre derramada
el de gas y pólvora el olor a muerte y a miedo.

Mi garganta está poblada de voces:
Estoy en las discusiones acaloradas de las
asambleas
en el grito de la maestra
En el relato de la joven violada,
En la protesta de los golpeados, de las
torturadas
En la voz que canta en las calles

Soy miles de sombreros y cientos de palabras,
soy abrazos, lágrimas, ternura, carcajadas.
Estoy llena de sonrisas que iluminan el día
colores que vienen de todas partes
tengo alegría, ganas de bailar, tengo esperanza.

Porque sin mí las calles
Se quedarían solas,
Porque sin mí las paredes no dirían nada
Porque soy tus manos, tus pies cansados,
Tu voz. / Yo soy la resistencia.

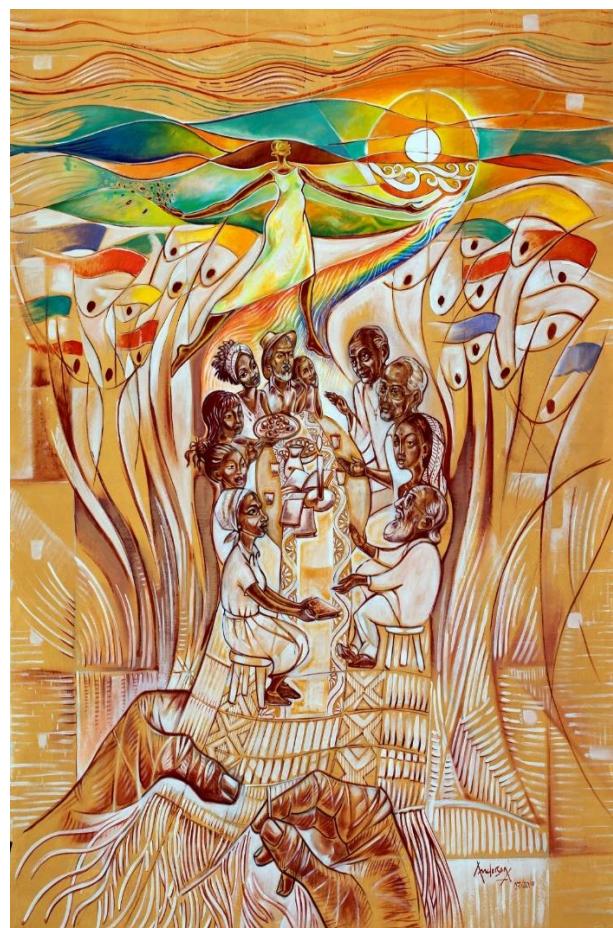
8.D TIERRA QUE SE MUEVE

Composición: Francesca Randazzo

<http://www.archivopdp.unam.mx/index.php/1546&Itemid=1>

Perezosa
Tibia
Húmeda
Fuego que late
En la lejanía de los tiempos
Tierra compacta que es
Nuevamente
Espacio de siembra
Lugar de semilla
Imagen que centella
Inquieta
Al borde de la Salvación
Como un soplo
Enceguecedor
El tiempo de
Los dominadores
Relampaguea con su látigo
Hemos sido esperados
Hoy
Día del Juicio Final
Código genético
De un tiempo mesiánico

Gruta llanura
Símbolo que llamarás
Para llenar la ausencia
Presente susurrando
Aún
No
Me
Has
Perdido
Barro
Savia animal
De la historia
Cita permanente
Reclamada en su crónica
Curso marino
Golfo bahía
Corriente que rescatarás de la sombra
Y subirá por tu cuerpo
Y será entre nosotros
Signo de miradas
Lenguaje familiar
Resistencia.



Desenho: Anderson Augusto Pereira

9. MÉXICO

9.1 AL PASO DE LOS POBRES (México)

Padre Irala

<https://www.youtube.com/watch?v=OUEhGHkBxqc>

Caminando va lentamente el pueblo
Caminando va y reza una oración.
Caminando va lentamente el pueblo.
Caminando va y canta una canción.

Canción de libertad,
canción que hable de amor.
Canción que no le mienta
y dia lo que sienta en el corazón.
Caminando va...

La vida ya es muy dura para cantar dolor.
Cantemos la esperanza, que nos da alegría y
fecunda el amor.
Caminando va...

Al paso de los niños, también sus madres van.
Al paso de los pobres, el amor invita hoy a
caminar.

Caminando va lentamente el pueblo
Caminando va y reza una oración.
Caminando va lentamente el pueblo.
Caminando va y canta una canción.

VIVA MÉXICO

Aida Cuevas

<https://www.youtube.com/watch?v=3OKO7x3WKRg>

Soy pura mexicana
Nacida en este suelo
En esta hermosa tierra
Que es mi linda nación

Mi México querido
Que linda es mi bandera
Si alguno la mancilla
Le parto el corazón

¡Viva México! (¡viva!)
¡Viva América! (¡viva!)
Oh, tierra bendita de Dios

¡Viva México! (¡viva!)
¡Viva América! (¡viva!)
Mi sangre por ti daré yo

Soy pura mexicana
Por eso estoy dispuesta
Si México lo quiere
Que tenga que pelear

Mi vida se la ofrezco
Al cabo el me la ha dado
Y como buen soldado
Yo se la quiero dar

¡Viva México! (¡viva!)
¡Viva América! (¡viva!)
Oh, tierra bendita de Dios

¡Viva México! (¡viva!)
¡Viva América! (¡viva!)
Mi sangre por ti daré yo

Soy pura mexicana
Y nunca me he rajado
Si quieren informarse
La historia les diré

Que México es valiente
Y que nunca se ha rajado
Viva la democracia
Y también la libertad

¡Viva México! (¡viva!)
¡Viva América! (¡viva!)
Oh, tierra bendita de Dios

¡Viva México! (¡viva!)
¡Viva América! (¡viva!)
Mi sangre por ti daré yo.



Pintura: Marcia Plana

10. NICARÁGUA

10.1 TU TREGUA

Composición: Carlos Mejia Godoy y los de Palangagüina
<https://www.youtube.com/watch?v=sUi6234HNWc>

Alforja campesina proletaria
Alforja campesina
Alforja campesina pinolera

Sos el mero escapulario de mi tierra
Cuando vienes del pueblo bien cargada
Te parecés a una indita embarazada
Alforja campesina proletaria
Olorosa a trigo nuevo y a quebrada
Yo te quiero por ser hija de mi brazo
Y hermanita menor del calabazo
Dicen que en un chilamate
Juan Camenate murió

Los pocoyos siempre cantan
Donde el campesino cayó
Ya viene la fiesta de agosto
Ya los chinamos ya están en pie
Enavaja el gallo giro
Que a don Casimiro le merqué
Novia mía, en esta noche
Un regalo para vos
Una flor de sacuanjoche
Que corté en la cuesta del Coyol
Yo te ofrezco en esta ronda
Mi inflamado corazón
Que es una cosa redonda
Cargadita de ilusión
Alforja campesina pinolera
como será la patria

10.2 SEREMOS EL NUEVO PUEBLO

Composición: Enigma Norteño - Una Pisteada Entre Amigos (En Vivo 2015)
<https://www.youtube.com/watch?v=X8-9NM-aiHo>

Trae línea directa de los meros grandes
Su perfil es bajo, eso es muy importante
Se ha ganado el puesto aquí en el cartel
Del señor JOAQUIM y también de ISMAEL
Protege la empresa, con la misma causa

Del jefe de arriba, del señor ZAMBADA
Allá em la TÍA JUANA, equipo de ÁQUILES
Junto con la RANA, todo el tiempo, firmes
Le dice, el viejano, andamos con todo
Ni quién nos detenga, dice el ENCHILOSO

Allá en la frontera, quedó un buen escudo el
TONY y el CHARLY,
Cuidando los puntos.

No ha sido tan fácil, estar donde estamos
Usted bien lo sabe, abogado del diablo
Me clave es el 6 y mi apodo es el CHECO
A quien lo merezca, tiene mi respeto
Compadre XL y compadre OSAMA

Traigas la baraja, pa una pokareada
Pa brindar, que sea un trago de BUCHANAN'S
Si no picochamos, haber quién nos para
No hay ningún pendiente, vamos a
enfiestarnos
Que se jale ENIGMA con 'El Legionario'
El GRUPO IMPERIAL, 'El Perfil De Empresario'
Compadre LUISÓN, sabe que los apreciamos.

10.3 SEÑOR PRESIDENTE

Composición: Los Cojolites
<https://www.youtube.com/watch?v=SP86Y-IZwIQ>

Señor presidente ya vayase al rancho
Pa' ver si ya puso la kuina de pancho
Señor presidente ya vayase al rancho
Pa' ver si ya puso la kuina de pancho

Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer
Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer

Senor presidente pongame atención
Que ya se esta armando la revolucion

Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer
Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer

Señor presidente la damos la gracia
Porque en nuestro pueblo ya no hay democracia

Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer
Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer

Señor presidente que buena actuacion
Que fraude tan limpio que gran eleccion

Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer
Me gusta la leche me gusta el cafe
Pero mi salario no da pa' comer

¡Que pobreza, que pobreza!

10.4 HERMANO COLIBRÍ (2014)

Jaime Guevara

<https://www.youtube.com/watch?v=leh8GohbY24>

Apareció por mi país
Sembrando amor como el maíz
Apareció por mi país
Sembrando amor como el maíz

Con el se aliviano la cruz
El chaquiñán tenía luz
Con el se aliviano la cruz
El chaquiñán tenía luz

Igual que el hombre que en belén
Justo de humilde sencillez
Gual que el hombre que en belén
Justo de humilde sencillez

Del imbabura decendió
Y al chimborazo organizó
Del imbabura decendió
Y al chimborazo organizó

Entre los indios, indio fué
De poncho, quichua, bronca y fé
Entre los indios, indio fué
De poncho, quichua, bronca y fé

Y convirtió en fraterno pan
El oro inutil del altar
Y convirtió en fraterno pan
El oro inutil del altar

Su vida no gusto jamás
A los ricachos del lugar
Su vida no gusto jamás
A los ricachos del lugar

Pues enseñaba en alta voz
A rechasar a la opresión
Pues enseñaba en alta voz
A rechasar a la opresión

Entre los indios, indio fué
De poncho, quichua, bronca y fé
Entre los indios, indio fué
De poncho, quichua, bronca y fé

Y convirtió en fraterno pan
El oro inutil del altar
Y convirtió en fraterno pan
El oro inutil del altar

Apareció por mi país
Sembrando amor como el maíz

Apareció por mi país
Sembrando amor como el maíz

Con el se aliviano la cruz
El chaquiñán tenía luz
Con el se aliviano la cruz
El chaquiñán tenía luz

Un mal agosto nuestro sol
A medio día anocheció
Un mal agosto nuestro sol
A medio día anocheció

Detrás del llanto y del amén
Pedimos despedirnos de él

Adios hermano colibrí
Adios proaño yaraví

Adios hermano colibrí
Adios proaño yaravi

Nos volveremos a encontrar
Viviendo la comunidad
Nos volveremos a encontrar
Viviendo la comunidad

Adios hermano colibrí
Adios proaño yaravi
Adios hermano colibrí
Adios proaño yaravi

Nos volveremos a encontrar
Viviendo la comunidad
Nos volveremos a encontrar
Viviendo la comunidad



Desenho: Anderson Augusto Pereira

11. PERU

11.1 FLOR DE RETAMA (1970)

Ricardo Dolorier

<https://www.youtube.com/watch?v=zGUynR3EC8w>

Vengan todos a ver
¡Ay, vamos a ver!
Vengan todos a ver
¡Ay, vamos a ver!
En la Plazuela de Huanta
Amarillito flor de retama
Amarillito, amarillando
Flor de retama

En la Plazuela de Huanta
Amarillito flor de retama
Amarillito, amarillando
Flor de retama

Donde la sangre del pueblo
Ahí, se derrama
Donde la sangre del pueblo
Ahí, se derrama
Allí mismito florece
Amarillito, flor de retama
Amarillito, amarillando
Flor de retama

Allí mismito florece
Amarillito, flor de retama
Amarillito, amarillando
Flor de retama

[Allí, dónde los cerros se encienden hasta alcanzar
la aurora

Allí en dónde sus faldas se hacen mujeres!
Los niños tienen que ser hombres antes de ser
niños

Allí, amarillito amarillando crece
La flor de la retama!] **Hablado**

Por Cinco Esquinas están
Los Sinchis entrando están
Por Cinco Esquinas están
Los Sinchis entrando están

Van a matar estudiantes
Huantinos de corazón
Amarillito, amarillando
Flor de retama

Van a matar campesinos
Huantinos de corazón

Amarillito, amarillando

Flor de retama

La sangre del pueblo

Tiene rico perfume

La sangre del pueblo

Tiene rico perfume

Huele a jazmines, violetas

Geranios y margaritas

A pólvora y dinamita

Huele a jazmines, violetas

Geranios y margaritas

A pólvora y dinamita

¡Carajo!

¡A pólvora y dinamita!

¡Ay, carajo!

¡A pólvora y dinamita!

11.2 CHOLO SOY (1973)

Luis Abanto Morales

<https://www.youtube.com/watch?v=4tqUGEr2CHc>

Cholo soy y no me compadezcas
esas son monedas que no valen nada
Y que dan los blancos como quien da plata
Nosotros los cholos no pedimos nada
Pues faltando todo, todo nos alcanza

Déjame en la puna, vivir a mis anchas
Tregar por los cerros detrás de mis cabras
Arando la tierra, tejiendo los ponchos, pastando
mis llamas
Y echar a los vientos la voz de mi quena
Dices que soy triste
¿Qué quieres que haga?

No dicen ustedes que el cholo es sin alma
Y que es como piedra, sin voz, sin palabra
Y llora por dentro, sin mostrar las lágrimas

Acaso no fueron los blancos venidos de España
Que nos dieron muerte por oro y por plata
No hubo un tal Pizarro que mató a Atahualpa
Tras muchas promesas, bonitas y falsas

[¿Entonces qué quieres, qué quieres que haga?
Que me ponga alegre como día de fiesta
Mientras mis hermanos doblan las espaldas
Por cuatro centavos que el patrón les paga
Quieres que me ría
Mientras mis hermanos son bestias de carga

Llevando riquezas que otros se guardan
Quieres que la risa me ensanche la cara
Mientras mis hermanos viven en las montañas
como topos
Escarba y escarba
Mientras se enriquecen los que no trabajan
Quieres que me alegre
Mientras mis hermanas van a casas de ricos
Lo mismo que esclavas
Cholo soy y no me compadezcas

Hablado

Déjame en la puna, vivir a mis anchas
Trepar por los cerros detrás de mis cabras
Arando la tierra, tejiendo los ponchos, pastando
mis llamas
Y echar a los vientos la voz de mi quena
Déjame tranquilo, que aquí la montaña
Me ofrece sus piedras, acaso más blandas
Que esas condolencias que tú me regalas
Cholo soy... Y no me compadezcas.

11.3 SOY MUCHACHO PROVINCIANO CHACALÓN Y LA NUEVA CREMA (1978)

Composição: Juan Eduardo Rebaza Cárdenas
<https://www.youtube.com/watch?v=9a63cjVsvJU>

Para todos mis hermanos provincianos
Que labran el campo para buscar el pan de sus
hijos
Y de todos sus hermanos
Te canta Chacalón y la Nueva Crema
Ataja, ataja, mi hijo hombre

Soy muchacho provinciano
Me levanto bien temprano
Para ir con mis hermanos
Ay-ay-ay-ay, a trabajar
No tengo padre ni madre
Ni perro que a mí me ladre
Solo tengo la esperanza
Ay-ay-ay-ay, de progresar

Busco una nueva vida en esta ciudad
Donde todo es dinero y hay maldad
Con la ayuda de Dios sé que triunfaré
Y junto a ti, mi amor, feliz seré
Feliz seré (Oh-oh oh-oh)
Feliz seré (Oh-oh oh-oh)

Busco una nueva vida en esta ciudad
Donde todo es dinero y hay maldad
Con la ayuda de Dios sé que triunfaré
Y junto a ti, mi amor, que feliz seré

Soy muchacho provinciano
Me levanto bien temprano
Para ir con mis hermanos
Ay-ay-ay-ay, a trabajar
No tengo padre ni madre
Ni perro que a mí me ladre
Solo tengo la esperanza
Ay-ay-ay-ay, de progresar

Sabor, sabor Satoche
Y tú también Nicanor, hombre

Busco una nueva vida en esta ciudad
Donde todo es dinero y hay maldad
Con la ayuda de Dios sé que triunfaré
Y junto a ti, mi amor, feliz seré

Feliz seré (Oh-oh oh-oh)
Feliz seré (Oh-oh oh-oh)
Feliz seré (Oh-oh oh-oh)
Feliz seré (Oh-oh oh-oh)

11.4 TRILCE (1983)

Composición: Manuelcha Prado
<https://www.youtube.com/watch?v=lL20ZwCWQ9s>

Una niña triste y dulce,
Llora por la madrugada, madrugada de aguacero,
Y de silencio infinito...

Siente en su ser inocente, la pobreza que
aprisiona,
Ay azares de la vida...(bis).

Guitarra acompaña este llanto,
/Por mi pequeña trilce, por los niños sin infancia
Declaro de pie, que he de ayudar a trocar el
mundo,
Trocar el llanto en sonrisa, trocar en luz, las
tinieblas

Hablado

Nuestra vida peregrina y las angustias del alma,
No son vaivenes eternos, los albores de alegría
Para los pobres del mundo se anuncian ya en mis
acordes,
Guitarra deja ya tus notas tristes...

Te enseñare a ver el mundo,
Ancho, ya no tan ajeno,
sus valles, mares y desiertos...
Pájaros de mil colores,
trinos que envuelven la vida,
Y versos que elevan al hombre...

Y al final de mi existencia dejarte como herencia,
Una patria linda y libre.
Y al final de mi existencia dejarte como herencia,
Una patria linda y libre.

Guitarra acompaña este canto,
Guitarra acompaña este anuncio...

11.5 ADAGIO A MI PAIS

Composición: Alfredo Zitarrosa

https://www.youtube.com/watch?v=bUGs6EZ_kXU

En mi país, que tristeza
La pobreza y el rencor
Dice mi padre que ya llegará
Desde el fondo del tiempo otro tiempo
Y me dice que el sol brillará
Sobre un pueblo que él sueña
Labrando su verde solar
En mi país que tristeza
La pobreza y el rencor

Tú no pediste la guerra
Madre tierra, yo lo sé
Dice mi padre que un solo traidor
Puede con mil valientes
él siente que el pueblo, en su inmenso dolor
Hoy se niega a beber en la fuente
Clara del honor
Tú no pediste la guerra
Madre tierra, yo lo sé

En mi país somos duros
El futuro lo dirá
Canta mi pueblo una canción de paz
Detrás de cada puerta
Está alerta mi pueblo
Y ya nadie podrá
Silenciar su canción
Y mañana también cantará
En mi país somos duros
El futuro lo dirá

En mi país, que tibiaza
Cuando empieza a amanecer
Dice mi pueblo que puede leer
En su mano de obrero el destino
Y que no hay adivino ni rey
Que le pueda marcar el camino
Que va a recorrer
En mi país, que tibiaza
Cuando empieza a amanecer

En mi país somos miles y miles
(En mi país)
De lágrimas y de fusiles (Brillará)
Un puño y un canto vibrante (Yo lo sé)
(El sol del pueblo arderá)
Una llama encendida, un gigante
(Nuevamente alumbrando mi tierra)
Que grita, adelante, adelante
Go to all



Desenho: Anderson Augusto Pereira

IV. INSPIRAÇÕES POÉTICAS

Cada participante que chegou ao curso trouxe consigo sua história, suas experiências de vida, de trabalho, seus sonhos e utopias. Além dos sussurros internos que explodiram e tornaram-se coletivos, outros gritos e acalantos surgiram a partir da inspiração durante o curso. Registrados aqui as que conseguimos colher. Estão em ordem alfabética (por autor/a).

1. POEMA DA LUZ

Anderson Augusto (Brasil)

Alguns apoiam
perversas políticas
Descartam
A história
A lógica
A ciência
Os fatos
Os dados
As estatísticas...

Optaram pelo som cego
E pelo olhar mudo
Dos seus sentimentos mal trabalhados
Quem sabe, numa guerra entre
Id, ego e superego
Dos que ainda vivem nas sombras
E têm medo da luz
Dos SEUS proibidos Revelados...

Medo de SE VER - No OUTRO como espelho -
Aquele que rejeitam, AQUELA que condenam e
apedrejam...

Colocam o foco no outro
Para que não sejam percebidos
No obscuro da sua hipocrisia.
E precisam se aliar a seus pares
Que buscam bodes expiratórios
Dos seus erros e pecados não assumidos e não
perdoados
E se contentam revestidos como anjos
Entre colunas de Barro de certos altares.
Condenam nos outros
O que não têm coragem de admitir
E redimir em si mesmos.

Um dia sairão da caverna das sombras
projetadas
E chorarão o tempo perdido
Quando ouvirem as delícias das cores em forma
de poesia
Quando saborearem o pão
Temperado no suor da Partilha
E das lutas...
E a beleza dos rostos e corpos nus

Na diversidade de suas cores e desejos
redesenhados
No prazer de suas Liberdades
Entrelaçadas na imensa ciranda
No reflorido jardim da Criação.
Dançarão no encantamento
Do brilho da Lua
Sem perceber o inevitável
Renascer do Novo Sol.

UTOPIA

Eliezer A. de Oliveira

Ela existe,
Ela resiste,
Nos faz acreditar.

Ela seduz,
Ela conduz,
Nos faz caminhar.

Ela é esperança
Deixada de herança
Para quem ousa lutar.

REALIDADE DIFÍCIL

Eliezer A. de Oliveira

Tão, quer trabalhar?
Sei que cê tá no desemprego,
A função é a seguinte,
Vende na rua da tua casa,
Ganhará tantos porcento.

Não, muito obrigado!
A coisa não tá fácil,
Mas estamos sobrevivendo.

As ideias fracas vamos desconstruindo,
Principalmente aquelas que definem
Todo morador da Vila Nova como bandido.

Cada um na sua trilha,
Sabendo o que tá fazendo.
Preconceito nós bate de frente,

Não aceitamos ser humilhados
Desde que nos assumimos
Como um povo favelado.

Aqui, na maioria somos pretos
Convivendo em comunidade,
Cada um na sua religiosidade.

Muitos creem no divino,
Que o começo, meio e fim
Já está escrito, definido,
E não tem como evitar.

Mas temos que ir à caça
Se queremos se alimentar.
Para nós nada é de graça,
Perdemos muito sangue,
Muitas vidas, por aposentadoria.
Por isso valorizamos cada conquista,
Seja o direito à moradia, a saúde,
Educação e os direitos trabalhistas.

Custamos muito para os governos?
Políticas sociais vistas como gastos,
Nunca como investimentos.

Nesse país tá tudo errado,
Para juízes e deputados
Estão sempre aumentando o salário,
Enquanto os professores têm salários baixos,
atrasados.

Temos nojo desse desgoverno
Que corta e nega aposentos.
Trabalhador, trabalhadora
Da cidade ou da roça,
Tem direitos?
Tem direito de ficar com dor nas costas.
E se ousar reclamar?
É mi-mi-mi, é blá-blá-blá.

Seguimos com paciência,
Observando as aparências,
Compreendendo as essências.
Poeta consciente da palavra
Nunca prega perfeição,
Brotá um verso aqui e ali,
Toda vez que dá um pião.

Tá sempre melhorando,
Tá sempre aprendendo.

E agora eu comprehendo
Que a vida é muito mais
Que ficar só no veneno.

TRISTE ÁGUILA
Gribaldo Cueva Cevallos

Sentado en las ramas de un alto chuncho,
que en la ceja de selva amazónica a nacido
miro al horizonte el verde mar
y el serpenteante de los ríos,
mi corazón aletea
y mis alas planean la inmensidad.

Sigo el vuelo y mis lágrimas
brotan cual riachuelo,
mis ojos se agrietan por el espesor del humo,
son las petroleras con sus mecheros,
son las madereras con sus motosierras,
son la codicia de los gobiernos.

Los pájaros gritan, ya no cantan
los monos se asustan, ya no juegan,
los últimos felinos huyen cual bandada.

En esa mezcla de miedo y rabia,
un susurro se va escuchando,
es el pueblo que se va organizando,
alzando su puño zurdo concientizado,
escribiendo, marchando, gritando... luchando
Con su pecho lleno de amor esperanzado,
Soy la triste águila arpía ilusionada.

MARTÍ Y FREIRE
Lleana Rosa Barrera Castillo

Dos hombres
Martí y Freire...
Desfasados en su historia
Historias de muerte y guerra
De dictaduras...
Tiempos de alfabetización y luchas,
Por preservar las ideas..
Nos regalan de sus puños..
Las palabras más sencillas ...
Donde desenmascaran
Al tirano que asecha ...
tras el manto de la noche
Tras el brillo de la estrella
Enseñándonos a pensar

Más allá de leer letras
La lectura de este mundo
Que tiene tatuado el alma
Con el nombre de sus hijos
Hijos de grandes ideas
Vacioneros de un futuro,
De libertad y sin fronteras
Entre la América toda
Entre todas las Américas.

CANTO DE REBELDÍA

Lleana Rosa Barrera Castillo

Amaneceres de llanto
Hicieron debut en nuestra Latinoamérica,
Cuando el conquistador ponía
Su bota en estas tierras
Marcando de gris dolor
El arcoíris de ellas,
Dolor de blancos, indios y negros
Que adoraban su bandera,
Bandera de verde toda
De toda Naturaleza.
Hombre oriundo de estas tierras ,
Ahora extranjero en ellas ..
Hacía llorar el cielo
Y tiritar las estrellas,
con su canto de dolor y de tristeza,
Canto que hacía temblar a los valles
De estas tierras
Cantos de rebeldía,
de luchas y de guerras
Cantos escritos con letras,
letras en sangre inocente,
Letras que se conjugan
para traducir su idioma,
Idioma del invasor...
Que me robó mis riquezas
El canto de un zorzal,
en el medio de la selva,
El azul turquí del cielo,
La risa del indio libre,
Mezcla de miel y natura,
Como el negro y su tambor,
Sus Dioses y sus canciones.
Así llegó arrazador el invasor
A estas tierras ,
Nos regalo sufrimiento,
La huella amarga
Y que amarnos su bandera,
Choque de dos culturas.

Legraron a nuestra América
Y renació como el Fénix,
En su inquebrantable ego,
Esa América desecha.
Entre Ríos desbordados,
Ríos de ausencia y sangre
De los hijos de esta tierra
Que se levanto a luchar,
Y en la voz cantos de guerra,
Por la libertad de todos,
Por la justicia en ella,
Ella es patria...
Es Latinoamericana...

MUÉVETE AMÉRICA

Julio Chicaiza

Me duele el alma
patria grande amada y querida
Desde la Patagonia al Río Grande
Corren voces de violencia y dolor
Familias caminantes, emigrantes, inmigrantes
de su pueblo y nación,
excluidos de derechos,
de amor y compasión

Y las familias quedaron en casa
Con temor y temblor
por el coronavirus que afecto
a los más pobres de la nación
Gobiernos indolentes
aprovecharon la ocasión
dictar leyes injustas
contra la población

Los meninos de la rua
se quedaron sin atención
violentaron sus derechos
restringiendo la salud y educación
Hoy elevamos un clamor
a través de una canción

Despierta querida América
es tiempo de resistencia,
es tiempo rebeldía,
es tiempo esperanza,
color esperanza, que sale del corazón

Con amor militante
camina el pueblo incansante
con el canto, la poesía y arte
sembramos un surollo de amor
incansante.

Vamos, vamos compañeros,
que la lucha ya empezó
que nosotros somos muchos
para acabar con el opresor.

ALTO CONSUMO

Marcia Plana

O pão da padaria
não pode comprar.
É mesmo uma agonia;
só pode olhar.
O homem deixa de ser homem
Nada pode
Passa fome
Se consome.

Corpos atados em armaduras
Faces transfigurados
Ensejo do véu de armaduras
Tédio dilacerado em fechaduras.
Inerte silencio das estruturas
Arrebenta, quebra, queima a vida.
Amarguras
Fechaduras
Ferraduras.

No combate às ditaduras
Em meio às não ditaduras.

SALVE AS MULHERES DA AMÉRICA

Marcia Plana

Celebrem e resgatem a memória
De tantas Sinhás Vitórias,
Semeiem esperança em luta de ousadia
Com Arte, Canto e Poesia.

Unjam o Segredo de Iracema
No avançar além das margens
O compromisso que assim se acena
Diante dos filhos que nascem.

Dúvidas e incertezas fotografam Capitu
Rasgam o véu e atiram-lhe pedras a olho nu
Depois buscam água para lavar a alma,
Mas não desvendam o mistério inquietante.

Fonte, garra e resistência
Fermenta amor e gera vida
No exemplo de Maria, Madalena, Margarida...
Antônia, Tarsila, mulheres de fibra...

Um grito saído do ventre
Penetra Justiça na humanidade,

Que faz com que seguimos para frente
Com o empreendimento e responsabilidade.

No rosto fecundo de muitas mulheres,
Erguemos a loucura persistente
Meio a muitos a muitos olhares
O sustento de quem sabe lutar pelo presente.



Pintura: Marcia Plana

FREIRIAREI

Wilza Freitas Pereira Mazur (Brasil)

Freirei,
Freirearei,
Freire.

Diria cem vezes por cem anos.
Viva Paulo Freire!

Freirei, Freirearei.

Diria cem vezes por cem anos,
Viva Paulo Freire!

Só que não basta dizer viva,
Não bastar externar palavras,
Não basta externar gestos vagos.

Freirei, freirearei,
Drei cem vezes, por cem anos,
Viva Paulo Freire.

Já que não basta externar palavras,
Precisamos fazer Freire viver,
Na educação,
Precisamos fazer Freire viver,
Numa sociedade justa.

Uma das mais fantásticas lições que,
Aprendi com o mestre Freire foi:
A humanização do mundo,
Começa com a humanização do homem.

Aprendi com o mestre Paulo Freire que,
A educação humanista pode ser o início de:
Um mundo humano.

SÚPLICA À NOSSA SENHORA APARECIDA

Neusa Mariano

Ó Senhora, me responda!
O que devo fazer
com esta dor que me consome
Enquanto vejo meu povo sofrer
Ainda tenho esperança
e vontade de vencer.

Por favor me acompanhe
Me dê forças para lutar
Não me deixe nenhum instante
E se precisar de ânimo
Faça-me em Ti repousar.

AÚN SE PUEDE AMAR

Zoily E Aguilera Borges

Cuando del alma brote nuestras penas
Cuando del cielo cae un rayo de sol
Puedo sentir que aún hay esperanza
Que hay paz y un mundo mejor.

Soñar con que no haya guerra
Con la violencia quitar
Aumentar el amor en la tierra
Debe ser nuestra prioridad.

Cada día es un enigma
Que debemos enfrentar
Aunque si estamos unidos
Nada nos podrá faltar.
Hay mucha hambre en la gente
Que humilde de corazón
Trata de ser valiente
Y lucha con todo tesón.

Hoy puede que el mundo busque
Al ejército derrotar
Pero la unidad es la fuerza
Que hoy hay que emplear.

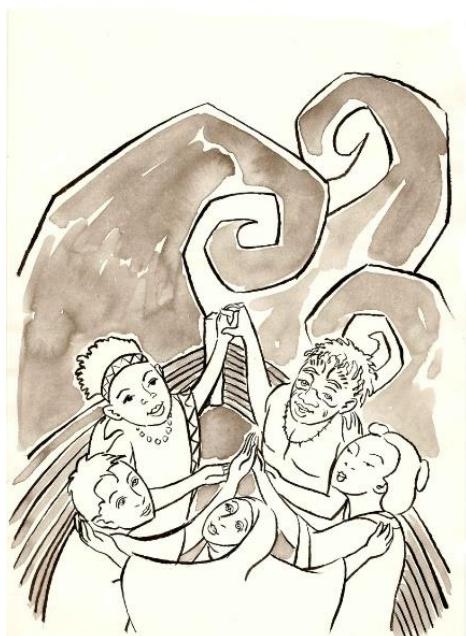
Hay quienes piensan
Que ser pobres es dolor
Yo creo de corazón
Que es toda una bendición.

Cuando el alma es generosa
Y quiere sólo hacer el bien
No importan los bienes
Lo que vale es el interior.

El mundo se basa en cosas
Que creen que pueden llevar
Pero la vida es muy frágil
Sin dudas lo mejor es amar.

Aunque tengamos temor
Es menester recordar
Que la paz sí es posible
Cuando nuestra misión es dar.

Adiós a todo lo malo
Que corrompe nuestras vidas
Busca en tu interior
Ahi está la salida.



Desenho: Anderson Augusto Pereira

CONCLUSÃO

Não há outra palavra que melhor expresse nosso sentimento
ao terminar o curso a não ser
GRATIDÃO.

GRATIDÃO

a cada participante, por aceitar o convite de participar do curso Arte e Vida:
resistência na América Latina e no Caribe. Por trazer seus cochichos/sussurros e
compartilhá-los nos momentos coletivos.

GRATIDÃO

a cada grupo, por fazer a reflexão de forma profunda e compromissada a partir
dos saberes de cada pessoa que chegou ao curso, desde os seus locais de origem,
onde atuam em movimentos sociais e/ou pastorais.

GRATIDÃO

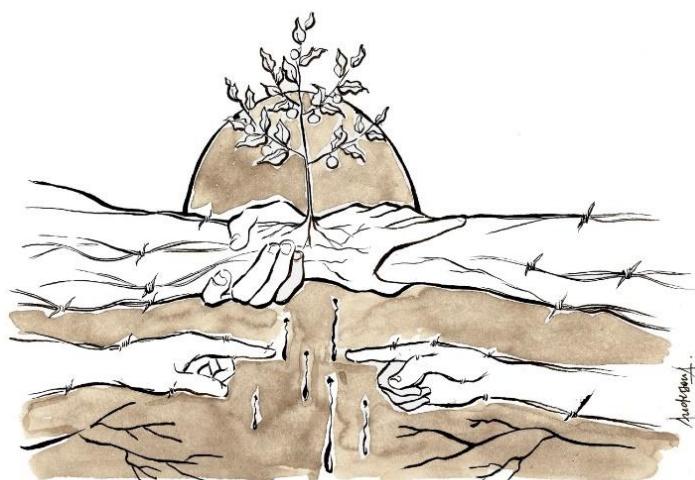
a cada coordenação de Círculo de Cultura, por propiciar (poeticamente) o
espaço para a criação coletiva em forma de poesia e música.

GRATIDÃO

pelo compromisso firmado com a Pátria Grande, na perspectiva de continuidade
de luta e de resistência, com e pela arte.

GRATIDÃO

a todxs por acreditarem no trabalho do CESEEP e no seu chamado para o serviço
em favor dxs empobrecidxs e dxs vulnerabilidxs.



Desenho: Anderson Augusto Pereira

CESEEP

Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular

Av. Brigadeiro Luís Antônio 993 Sala 205

São Paulo – SP – Brasil

CEP 01317-001

Tel. / Fax: (5511) 3105-1680

www.cesep.org.br